



ESTUDO DO PERFIL DO EMPREENDEDOR
NAS FILEIRAS DE DIVERSIFICAR ALGARVE

Apicultura

Promoção do Empreendedorismo Qualificado na região do
Algarve

PROJETO ALGARVE EMPREENDE 2026

FICHA TÉCNICA

Título	Estudo do Perfil do Empreendedor nas Fileiras de Diversificar Algarve - Apicultura
Projeto	Algarve Empreende 2026 - Promoção do Empreendedorismo Qualificado na região do Algarve
Fileira	Apicultura (CAE 01491)
Âmbito	Diagnóstico produtivo, empresarial, territorial, ambiental e comercial; dinâmica empresarial e perfil do empreendedor
Entidades promotoras	Universidade do Algarve · AMAL · Algarve Evolution · Algarve STP · NERA · ANJE
Fontes estatísticas	INE · GPP · DGAV · ICNF · IPMA · IFAP · International Trade Centre · Eurostat · FAOSTAT · CCDR Algarve
Enquadramento estratégico	RIS3 Algarve 2030 · Programa Regional Algarve 2030 · Estratégias de valorização dos produtos endógenos · Cofinanciado pela União Europeia
Ano	2026

Nota de elaboração

Este documento foi integralmente elaborado por um humano. Alguns conteúdos foram posteriormente revistos e aperfeiçoados com o apoio do ChatGPT (versão 5.2).

Índice

1	Enquadramento Geral.....	8
1.1	Projeto.....	8
1.2	Objetivos	8
1.3	Promotores do Projeto.....	8
1.4	Entidades Participantes na Comunidade de Inovação.....	9
1.5	Contexto Económico do Algarve.....	9
1.6	Sumário Executivo da Fileira da Apicultura	9
2	Enquadramento Metodológico	11
2.1	Princípios Orientadores	11
2.2	Âmbito e Delimitação	11
2.3	Fontes de Informação.....	12
2.4	Procedimentos de Análise	12
2.5	Limitações e Alcance	12
3	Caracterização e Diagnóstico da Fileira	13
3.1	Enquadramento Territorial e Económico.....	13
3.2	Enquadramento Setorial e Institucional.....	13
3.2.1	Contexto Nacional da Produção e Comércio de Mel	13
3.3	Estrutura Produtiva.....	15
3.4	Estrutura Empresarial.....	16
3.5	Estrutura Comercial e Mercados.....	17
3.6	Síntese Diagnóstica da Fileira	17
4	Estrutura da Fileira e Cadeia de Valor da Apicultura.....	19
4.1	Modelo Estrutural da Fileira	19
4.2	Cadeia de Valor da Apicultura do Algarve	19
4.3	Distribuição e Retenção de Valor na Cadeia	20
4.4	Pontos Críticos da Cadeia de Valor	21
4.5	Articulação com Território, Sustentabilidade e Turismo de Natureza	21
4.6	Síntese Interpretativa da Cadeia de Valor	22
5	Dinâmica Empresarial da Fileira da Apicultura	23
5.1	Enquadramento e Objetivos Analíticos	23
5.2	Leitura Territorial da Dinâmica Empresarial	23
5.3	Comparação Algarve - Portugal.....	24
5.4	Fatores de Competitividade e Sustentabilidade da Dinâmica Empresarial	25
5.5	Síntese Interpretativa	25
6	Diagnóstico Estratégico da Fileira da Apicultura no Algarve.....	27
6.1	Estrutura Empresarial e Perfil Dominante da Fileira.....	27
6.2	Principais Constrangimentos ao Desenvolvimento da Fileira.....	27

6.3 · Fatores Críticos de Sucesso e Resiliência Empresarial.....	28
6.4 · Tendências Emergentes e Sinais de Transformação	28
6.5 · Prioridades Estratégicas para a Fileira	29
6.6 · Síntese Estratégica	29
7 Perfil do Empreendedor da Fileira da Apicultura do Algarve	30
7.1 · Secção A - Caracterização da Atividade do Negócio	31
7.2 · Secção B - Contexto para o Nascimento da Atividade	32
7.3 · Secção C - Perfil do Empreendedor	33
7.4 · Secção D - Evolução da Atividade	35
7.5 · Secção E - Inovação, I&I e Tendências	37
7.6 · Secção F - Balanço e Recomendações	38
7.7 · Síntese Interpretativa do Perfil do Empreendedor da Fileira da Apicultura do Algarve	39
8 Trajetórias Empresariais	40
8.1 · Porque Nascem Empresas na Fileira da Apicultura do Algarve	40
8.2 · Porque Sobrevivem as Empresas Apícolas	40
8.3 · Porque Encerram Empresas na Fileira da Apicultura	41
8.4 · Fatores Diferenciadores das Trajetórias Empresariais	41
8.5 · Leitura Integrada: Nascimento, Sobrevivência e Mortalidade	42
8.6 · Síntese Interpretativa	42
9 Análise SWOT da Fileira da Apicultura no Algarve	44
9.1 · Leitura Interpretativa da SWOT.....	45
9.2 · Implicações Estratégicas.....	45
9.3 · Síntese da Análise SWOT	46
10 Conclusões e Recomendações Estratégicas	47
10.1 · Conclusões Estratégicas	47
Uma fileira pequena, mas territorialmente relevante.....	47
Forte atomização empresarial e baixa escala média	47
Elevada dependência ambiental e sanitária.....	47
Fragilidade na retenção de valor	47
Potencial de diferenciação ainda insuficientemente explorado	48
Sucessão e renovação geracional como fatores críticos	48
10.2 · Recomendações Estratégicas.....	48
Reforçar a organização coletiva da fileira	48
Valorizar comercialmente o mel e os produtos apícolas do Algarve	48
Melhorar a capacitação técnica e empresarial dos apicultores	48
Reforçar a resiliência produtiva e sanitária	48
Estruturar canais de comercialização de maior valor acrescentado.....	49
Valorizar a função ambiental da apicultura.....	49
Apoiar a sucessão e a entrada qualificada de novos produtores	49

Articular a apicultura com turismo de natureza, gastronomia e produtos endógenos	49
10.3 · Eixos de Desenvolvimento da Fileira da Apicultura do Algarve	49
Eixo 1 - Valorização Territorial do Mel e dos Produtos Apícolas do Algarve.....	50
Eixo 2 - Cooperação, Organização Coletiva e Eficiência da Fileira.....	50
Eixo 3 - Resiliência Climática, Sanidade Apícola e Sustentabilidade Ambiental	51
Eixo 4 - Capacitação Empresarial, Comercialização e Digitalização.....	51
Eixo 5 - Diversificação de Produtos, Serviços e Experiências Associadas à Apicultura	51
Eixo 6 - Sucessão, Renovação Geracional e Entrada Qualificada na Fileira	52
Nota final de enquadramento e originalidade	52
10.4 · Conclusões Finais	53
11 Fontes Estatísticas e Bibliográficas	54
11.1 · Fontes estatísticas oficiais.....	54
11.2 · Fontes Regionais e Institucionais	54
11.3 · Fontes bibliográficas e técnicas	54
11.4 · Recursos Digitais e de Mercado	54
11.5 · Nota Metodológica Final	55
A Anexo - Perfil Económico da Fileira.....	56
A.1 · Número de Empresas.....	56
A.2 · Volume de Negócios	57
A.3 · Produção das Empresas.....	57
A.4 · Valor Acrescentado Bruto.....	57
A.5 · Pessoal ao Serviço	58
A.6 · Gastos com Pessoal.....	58
A.7 · Resultado Líquido do Exercício	58
A.8 · Produtividade - VAB por Trabalhador.....	59
A.9 · Produtividade - VAB / Gastos com Pessoal	59
A.10 · Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)	59
A.11 · Internacionalização da Fileira - Exportações de Mel	59
Síntese Estratégica do Perfil Económico da Apicultura	60

Índice de Quadros

- Principais fontes de informação utilizadas	12
- Cadeia de Valor da Apicultura do Algarve	19
- Taxas de natalidade, sobrevivência e mortalidade das empresas apícolas; Algarve; 2019 a 2023	23
- Comparação Algarve - Portugal; médias 2019 a 2023	24
- Taxa de resposta ao questionário - Fileira da Apicultura	30
- Atividade (CAE) principal dos respondentes	31
- Tipo de entidade.....	31
- Ano de início da atividade	31
- Número atual de trabalhadores	31
- Volume de negócios anual médio	31
- Origem maioritária dos trabalhadores	32
- Concelho onde a atividade está localizada	32
- Principais motivos para a criação da empresa	32
- Grau de dificuldade sentido na criação da empresa	32
- Principais dificuldades no arranque da empresa	33
- Fontes de financiamento utilizadas no arranque da empresa	33
- Origem da propriedade - terrenos e infraestruturas	33
- Condições de contexto do Algarve positivas para o nascimento da empresa	33
- Origem do empreendedor	33
- Região de origem / país	34
- Idade atual	34
- Nível de escolaridade.....	34
- Formação específica na fileira	34
- Situação profissional/pessoal antes da criação da empresa	34
- Existência de tradição familiar na atividade.....	35
- Momento atual da empresa	35
- Evolução da atividade nos últimos 5 anos.....	35
- Expectativa de evolução da atividade para os próximos 3 anos	35
- Existência de estratégia e plano de sucessão para a empresa.....	35
- Fatores mais importantes para garantir a sobrevivência futura das empresas da fileira	35
- Contributo da localização no Algarve para a competitividade da empresa	36
- Perceção sobre a dinâmica da fileira na região do Algarve.....	36
- Principais causas do encerramento de empresas na fileira	36
- Introduziu alguma inovação nos últimos 5 anos	37
- Tipo de inovação introduzida	37
- Colaboração com entidades de I&I (mesmo que informalmente)	37
- Grau de interesse em participar em projetos de I&D aplicada	37
- Tendências consideradas mais relevantes para a fileira.....	37
- Empreenderia novamente nesta fileira se tivesse de recomeçar hoje	38
- Evolução do número de empresas - CAE 01491; Algarve e Portugal; 2019 a 2024	56
- Número de empresas por município - CAE 01491; Algarve; 2024.....	56
- Volume de negócios das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024	57
- Produção das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024	57
- Valor Acrescentado Bruto das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024.....	57
- Pessoal ao serviço das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024	58
- Gastos com o pessoal ao serviço das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024	58
- Resultado líquido das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024	58
- Produtividade das empresas (VAB por trabalhador) - CAE 01491; 2019 a 2024	59
- Produtividade das empresas (VAB / gastos com pessoal) - CAE 01491; 2019 a 2024	59
- Investimento produtivo das empresas (FBCF) - CAE 01491; 2019 a 2024	59
- Evolução do valor das exportações de mel; Algarve; 2019 a 2023.....	59

Índice de Gráficos

- Produção Nacional de Mel; Portugal; 2014 a 2024	14
- Exportação de Mel - quantidade versus valor; Portugal; 2020 a 2024	14
- Preço de exportação versus preço de importação; Portugal; 2020 a 2024	15
- Comparação Algarve versus Portugal - médias 2019 a 2023	24

1 Enquadramento Geral

1.1 · Projeto

O Projeto ALGARVE EMPREENDE 2026 - Promoção de Empreendedorismo Qualificado na Região do Algarve tem como objetivo reforçar o ecossistema empresarial regional, promovendo a qualificação, a inovação e a sustentabilidade das empresas associadas às fileiras de produtos endógenos do Algarve.

No contexto regional, o empreendedorismo qualificado assume particular relevância para diversificar a base económica, valorizar recursos locais, reforçar a coesão territorial e aumentar a resiliência de atividades produtivas tradicionais.

O presente estudo enquadra-se na estratégia regional de valorização dos produtos endógenos, incidindo sobre a Fileira da Apicultura do Algarve, uma atividade de pequena dimensão económica direta, mas com elevada importância territorial, ambiental e produtiva.

Para além da produção de mel e outros produtos apícolas, a apicultura desempenha um papel estratégico na polinização, na preservação da biodiversidade mediterrânica e na sustentabilidade dos ecossistemas agrícolas e naturais da região.

1.2 · Objetivos

O presente estudo tem como objetivo central compreender os fatores que influenciam a criação, consolidação, sobrevivência e cessação de empresas na **Fileira da Apicultura do Algarve**, analisando as dimensões produtiva, empresarial, territorial, ambiental e comercial que condicionam a sua sustentabilidade económica.

De forma específica, pretende-se:

- caracterizar a estrutura produtiva, empresarial e territorial da fileira;
- analisar a dinâmica empresarial, com base em indicadores de natalidade, sobrevivência e mortalidade das empresas;
- identificar fatores críticos de competitividade, risco e resiliência;
- enquadrar o perfil do empreendedor apícola, articulando evidência estatística e contributos recolhidos no âmbito do projeto;
- avaliar o potencial de valorização económica da fileira, incluindo a sua ligação à sustentabilidade, biodiversidade, produtos locais e turismo de natureza;
- formular recomendações estratégicas orientadas para a qualificação empresarial, organização coletiva, valorização comercial e sustentabilidade da atividade.

Este enquadramento permite que o relatório funcione como instrumento de diagnóstico, apoio à decisão e base estratégica para empresários, associações, autarquias e entidades públicas com intervenção na fileira.

1.3 · Promotores do Projeto

São as seguintes as entidades promotoras do Projeto:

- Universidade do Algarve
- AMAL
- Algarve Evolution
- Algarve STP
- NERA

- ANJE

1.4 · Entidades Participantes na Comunidade de Inovação

As seguintes:

- All-Pouvar - Elaboração de Projetos de Investimento, Unipessoal Lda.
- Associação de Apicultores do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
- Associação In Loco
- CCDR Algarve
- Dnas, Sociedade Agro-Pecuária, Lda.
- KIPT CoLAB
- MELGARBE, Associação dos Apicultores do Sotavento Algarvio
- Sociedade Agrícola e Industrial do Algarve, Lda.
- VICENTINA, Associação para o Desenvolvimento do Sudoeste
- Wild Nut Co, Unipessoal Lda.

1.5 · Contexto Económico do Algarve

O Algarve apresenta uma estrutura económica fortemente concentrada nos serviços e no turismo, setores que representam a principal parcela do valor acrescentado e do emprego regional. Esta especialização confere dinamismo à economia regional, mas também aumenta a exposição a choques externos, sazonalidade e dependência de atividades não transacionáveis.

Neste contexto, os produtos endógenos assumem importância estratégica enquanto instrumentos de diversificação económica, valorização territorial e reforço da sustentabilidade regional.

A Fileira da Apicultura do Algarve insere-se neste enquadramento como atividade de base produtiva, ambiental e territorial. Apesar da sua reduzida dimensão económica agregada, contribui para a valorização de recursos locais, para a manutenção de ecossistemas agrícolas e naturais e para a afirmação de produtos associados à autenticidade do território.

A apicultura apresenta, contudo, fragilidades estruturais relevantes: pequena escala média, forte peso de empresários individuais, reduzida organização coletiva, dependência das condições climáticas e limitada valorização comercial da produção.

A sua consolidação dependerá da capacidade de transformar valor ambiental e territorial em valor económico, reforçando diferenciação, qualidade, canais de comercialização, cooperação entre produtores e articulação com turismo de natureza, gastronomia e sustentabilidade.

1.6 · Sumário Executivo da Fileira da Apicultura

A Fileira da Apicultura do Algarve caracteriza-se por uma estrutura empresarial de pequena escala, fortemente assente em empresários individuais e microexplorações. Trata-se de uma atividade com reduzida expressão económica agregada, mas com elevada relevância territorial, ambiental e produtiva.

A apicultura contribui para a produção de mel e outros produtos apícolas, mas o seu valor ultrapassa a dimensão comercial direta. A atividade desempenha papel essencial na polinização, na preservação da biodiversidade mediterrânica e na sustentabilidade de sistemas agrícolas e naturais.

O perfil económico da fileira evidencia uma base empresarial real, mas muito atomizada. Entre 2019 e 2024, o número de empresas da apicultura no Algarve passou de 212 para 196, mantendo-se quase

exclusivamente composto por empresas individuais. Em 2024, das 196 empresas existentes, 191 eram empresas individuais e apenas 5 sociedades.

Os indicadores económicos disponíveis mostram capacidade de geração de valor e resultados positivos, mas também revelam limitações relevantes: pequena escala, baixa incorporação de emprego formal, forte dependência do próprio empreendedor e reduzido investimento produtivo. A indisponibilidade de dados recentes para o Algarve em vários indicadores obriga a uma leitura prudente, mas não elimina a evidência de fragilidades estruturais na consolidação da fileira.

A dinâmica da apicultura é condicionada por fatores climáticos, sanitários e comerciais. A seca, a irregularidade das floradas, os riscos sanitários das colónias, a fragmentação da produção e a reduzida capacidade de valorização comercial constituem fatores críticos para a sobrevivência das empresas.

Apesar destes constrangimentos, a fileira apresenta potencial de valorização relevante. A origem Algarve, a qualidade diferenciada dos méis, a ligação à biodiversidade, o contributo para a sustentabilidade e a articulação com turismo de natureza e produtos locais podem constituir bases de diferenciação económica.

O futuro da Fileira da Apicultura do Algarve dependerá da capacidade de reforçar organização coletiva, qualificação empresarial, valorização comercial, renovação geracional, sanidade apícola, investimento produtivo e articulação com estratégias regionais de sustentabilidade e valorização dos produtos endógenos.

Em síntese, a apicultura algarvia não deve ser avaliada apenas pela sua dimensão económica direta. Deve ser entendida como uma fileira de valor territorial, ambiental e identitário, cuja sustentabilidade dependerá da capacidade de transformar conhecimento prático, biodiversidade e origem regional em maior valor económico para os produtores e para o território.

2 Enquadramento Metodológico

O presente estudo integra a metodologia comum definida para as fileiras analisadas no âmbito do Projeto Algarve Empreende 2026, assegurando coerência analítica, comparabilidade entre setores e orientação para a decisão.

A abordagem adotada combina informação estatística oficial, análise documental e contributos qualitativos, permitindo uma leitura integrada da Fileira da Apicultura do Algarve nas suas dimensões produtiva, empresarial, territorial, ambiental e comercial.

A análise procura compreender os fatores que influenciam a criação, consolidação, sobrevivência e cessação de empresas na fileira, bem como identificar oportunidades de valorização económica, qualificação empresarial e reforço da sustentabilidade da atividade.

2.1 · Princípios Orientadores

A metodologia assenta em quatro princípios fundamentais:

Rigor e fiabilidade. Utilização de dados provenientes de entidades oficiais e fontes reconhecidas, assegurando consistência e credibilidade da análise.

Comparabilidade. Aplicação de critérios homogêneos em todas as fileiras, permitindo análise transversal e construção de uma matriz comparativa regional.

Integração quantitativa e qualitativa. Articulação entre indicadores estatísticos e leitura interpretativa, valorizando o contexto territorial e institucional.

Orientação para a decisão. Produção de conhecimento estruturado que apoie empresários, associações e decisores públicos na definição de estratégias sustentáveis.

2.2 · Âmbito e Delimitação

A análise incide sobre a Fileira da Apicultura do Algarve, considerando a totalidade das atividades associadas à produção primária de mel e outros produtos apícolas, bem como as dimensões empresariais, comerciais e institucionais que condicionam a sua viabilidade económica.

O núcleo da análise estatística centra-se no CAE 01491 - Apicultura, correspondente à produção de mel, pólen, cera, própolis, geleia real e outros produtos apícolas. Sempre que pertinente, a leitura é complementada por atividades conexas associadas à transformação, comercialização, prestação de serviços de polinização e valorização territorial.

A abordagem considera a fileira enquanto sistema económico integrado, abrangendo:

- Estrutura produtiva e dimensão das explorações;
- Estrutura empresarial e organização da atividade;
- Estrutura comercial e canais de valorização;
- Cadeia de valor;
- Dinâmica empresarial (natalidade, sobrevivência e mortalidade).

A análise territorial incide sobre a região do Algarve, permitindo identificar padrões diferenciados entre municípios e compreender o impacto das condições ambientais e estruturais nas trajetórias empresariais do setor.

2.3 · Fontes de Informação

A informação recolhida resulta da combinação de fontes estatísticas, administrativas e qualitativas, nacionais e internacionais. As principais fontes utilizadas foram:

Quadro 1 - Principais fontes de informação utilizadas

Tipo de fonte	Entidades
Estatísticas empresariais e económicas	INE
Estatísticas agrícolas e setoriais	GPP, DGAV
Comércio internacional	International Trade Centre, Eurostat
Informação regional	CCDR Algarve, DRAP Algarve, Municípios
Fontes qualitativas	Associações setoriais, entrevistas, contributos institucionais

Fonte: Algarve Empreende 2026

Sempre que inexistem dados desagregados ao nível regional, recorre-se a estimativas prudentes e fundamentadas, devidamente assinaladas.

2.4 · Procedimentos de Análise

A metodologia organiza-se em quatro etapas:

1. Recolha sistemática de dados estatísticos e documentação setorial;
2. Tratamento e harmonização das séries disponíveis;
3. Análise interpretativa das dinâmicas produtivas e empresariais;
4. Validação institucional e cruzamento com contributos qualitativos.

A análise procura identificar fatores estruturais de competitividade, risco e resiliência, articulando dados quantitativos com enquadramento territorial e institucional.

2.5 · Limitações e Alcance

A análise apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. As principais limitações decorrem de:

- indisponibilidade de alguns dados económicos ao nível regional;
- reduzida dimensão estatística da fileira em determinados indicadores;
- dificuldade de captar atividades complementares ou informais;
- variabilidade produtiva associada a fatores climáticos, sanitários e ambientais;
- pequena dimensão amostral em alguns municípios;
- dificuldade de isolar estatisticamente dimensões como serviços de polinização, venda direta, transformação artesanal ou articulação com turismo de natureza.

Estas limitações não comprometem a utilidade do estudo, mas recomendam uma leitura prudente dos resultados, sobretudo quando se analisam séries económicas incompletas ou indicadores com valores não disponíveis.

O relatório deve ser entendido como um instrumento técnico de apoio à decisão, orientado para a valorização estratégica da Fileira da Apicultura do Algarve. O seu objetivo não é apenas descrever a realidade existente, mas apoiar empresários, associações e entidades públicas na identificação de prioridades de intervenção, oportunidades de desenvolvimento e fatores críticos de sustentabilidade.

3 Caracterização e Diagnóstico da Fileira

3.1 · Enquadramento Territorial e Económico

A Fileira da Apicultura do Algarve desenvolve-se num território marcado por elevada diversidade ecológica, integrando zonas de serra, barrocal e litoral, onde a disponibilidade de flora melífera, as condições climáticas e a qualidade dos habitats influenciam diretamente a produtividade das colónias e a estabilidade económica das explorações.

A atividade apresenta uma forte ligação ao território, não apenas pela produção de mel e outros produtos apícolas, mas também pelo papel desempenhado na polinização, na preservação da biodiversidade mediterrânica e no equilíbrio dos sistemas agrícolas e naturais da região.

Do ponto de vista económico, a apicultura tem uma dimensão agregada reduzida, mas uma relevância territorial e ambiental superior ao seu peso estatístico direto. Trata-se de uma fileira composta maioritariamente por microexplorações e empresários individuais, frequentemente dependentes do trabalho do próprio apicultor e de estruturas produtivas de pequena escala.

A atividade é também particularmente sensível a fatores externos. A seca, as ondas de calor, a irregularidade das floradas, os incêndios, as doenças das colónias e a degradação dos habitats constituem riscos relevantes para a produtividade e para a sobrevivência económica das explorações.

Num Algarve fortemente marcado pelo peso dos serviços e do turismo, a apicultura assume uma função complementar importante na diversificação económica, na valorização dos produtos locais e na afirmação de atividades produtivas associadas à sustentabilidade, ao território e à identidade regional.

A consolidação económica da fileira dependerá da capacidade de transformar valor ambiental e territorial em valor económico, reforçando organização, diferenciação, qualidade, comercialização e articulação com outros setores, nomeadamente agricultura, turismo de natureza e gastronomia.

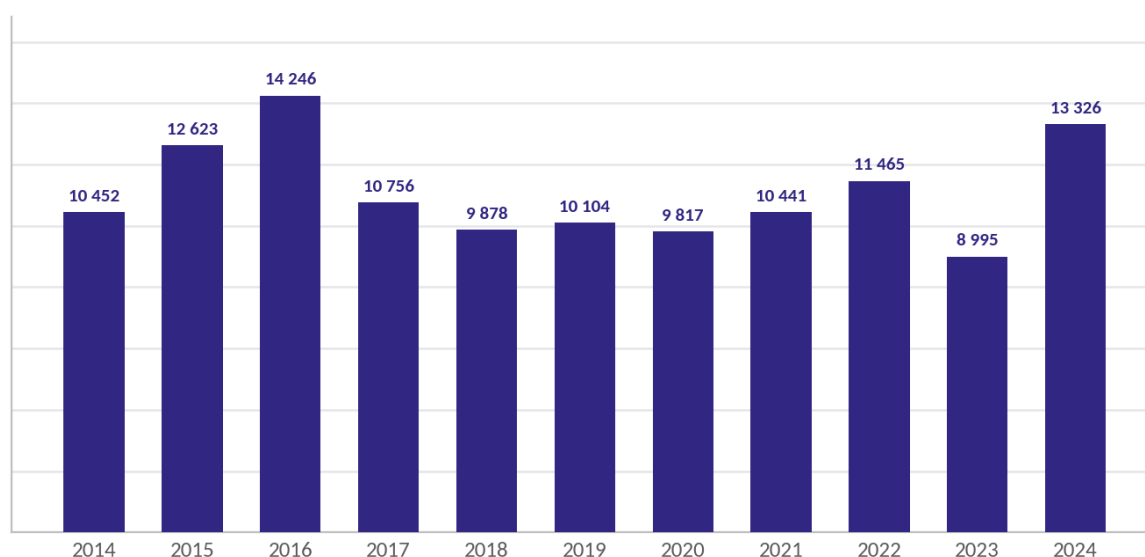
3.2 · Enquadramento Setorial e Institucional

A apicultura desenvolve-se num setor estruturalmente vulnerável, marcado por elevada variabilidade produtiva, dependência das condições climáticas e sanitárias, pressão concorrencial sobre o preço do mel e reduzida capacidade de captura de valor na origem.

No contexto nacional, a produção de mel apresenta oscilações relevantes ao longo do tempo, refletindo a forte exposição da atividade a fatores ambientais. A evolução das exportações confirma a existência de mercado externo, mas também evidencia limitações no posicionamento competitivo, sobretudo quando o produto é transacionado com baixo valor unitário ou sem diferenciação suficiente.

3.2.1 · Contexto Nacional da Produção e Comércio de Mel

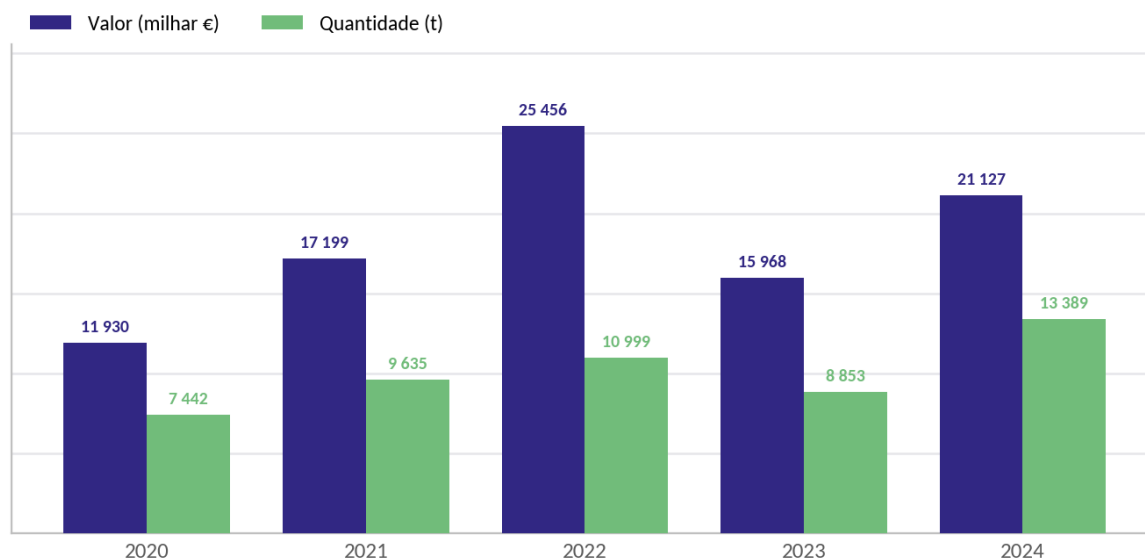
A produção nacional de mel apresenta uma evolução marcada por forte variabilidade interanual. Esta oscilação reflete a dependência da apicultura face às condições climáticas, à disponibilidade de flora melífera, à sanidade das colónias e à ocorrência de fatores ambientais adversos.

Gráfico 1 - Produção Nacional de Mel; Portugal; 2014 a 2024

Unidade: tonelada

Fonte: INE

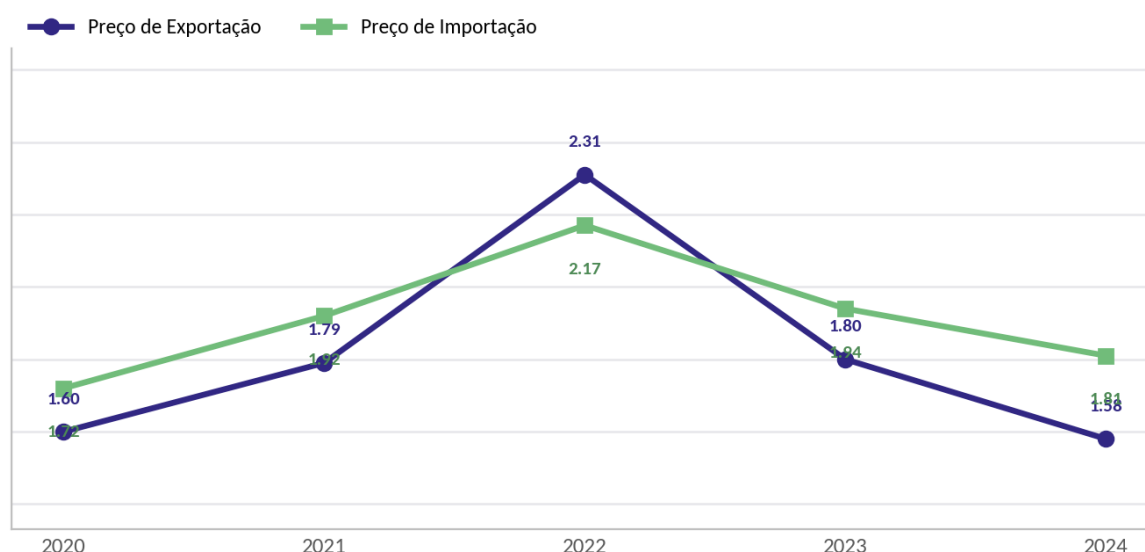
A evolução das exportações portuguesas de mel confirma a existência de procura externa, mas também revela oscilações relevantes em quantidade e valor. Esta leitura sugere que o mercado externo pode constituir uma oportunidade, mas não representa, por si só, uma garantia de estabilidade ou valorização sustentada.

Gráfico 2 - Exportação de Mel - quantidade versus valor; Portugal; 2020 a 2024

Unidades: quantidade - tonelada; valor - milhar €

Fonte: International Trade Centre

A comparação entre o preço médio de exportação e o preço médio de importação evidencia limitações no posicionamento competitivo do mel português. Quando o produto é transacionado sem diferenciação suficiente, a capacidade de captura de valor tende a ser reduzida.

Gráfico 3 - Preço de exportação versus preço de importação; Portugal; 2020 a 2024

Unidade: €/kg

Fonte: International Trade Centre

Este enquadramento é particularmente relevante para a Fileira da Apicultura do Algarve. Tratando-se de uma fileira regional de pequena escala, a sua sustentabilidade não deverá assentar na competição por volume, mas na valorização da origem, da qualidade, da biodiversidade mediterrânica, da autenticidade territorial e da ligação a canais de maior valor acrescentado.

No Algarve, a fileira beneficia de condições naturais favoráveis e de potencial de diferenciação associado aos méis mediterrânicos, à biodiversidade regional e à autenticidade territorial. Contudo, a pequena escala média das explorações, a fraca organização coletiva e a limitada integração comercial condicionam a capacidade de valorização económica da produção.

O enquadramento institucional da fileira integra entidades de regulação sanitária, acompanhamento técnico, desenvolvimento regional, investigação e apoio ao empreendedorismo. Associações setoriais, entidades públicas, estruturas de conhecimento e parceiros regionais podem desempenhar um papel relevante na qualificação da atividade, na sanidade apícola, na capacitação dos produtores e na valorização dos produtos apícolas.

A eficácia deste ecossistema depende, contudo, da articulação entre entidades e da capacidade de envolvimento efetivo dos produtores. A existência de instrumentos de apoio não garante, por si só, a consolidação da fileira. O impacto desses instrumentos depende da sua adequação à escala das explorações, da simplicidade de acesso, do acompanhamento técnico e da ligação a estratégias de organização coletiva e comercialização.

Em síntese, a sustentabilidade económica da apicultura algarvia depende menos da existência isolada de condições naturais ou apoios públicos e mais da capacidade de combinar profissionalização, cooperação, sanidade apícola, diferenciação territorial e acesso a mercados de maior valor acrescentado.

3.3 · Estrutura Produtiva

A estrutura produtiva da apicultura no Algarve caracteriza-se por forte presença de explorações de pequena dimensão, dispersas territorialmente e frequentemente abaixo do limiar necessário para gerar economias de escala consistentes.

A produção depende diretamente da disponibilidade de flora melífera, da gestão dos apiários, da sanidade das colónias e das condições climáticas anuais. Esta dependência torna a produtividade instável e dificulta o planeamento económico de médio prazo.

A pequena escala produtiva limita a capacidade de investimento, reduz o poder negocial dos produtores e dificulta a adoção de soluções tecnológicas, práticas de gestão avançadas e estratégias comerciais estruturadas. Em muitas situações, a atividade mantém carácter complementar ou familiar, o que reduz a capacidade de profissionalização plena.

Os principais fatores de risco produtivo identificados na fileira são:

- variabilidade climática, em particular seca e ondas de calor;
- irregularidade das floradas;
- doenças e mortalidade das colónias;
- degradação ou fragmentação de habitats;
- incêndios florestais;
- pequena escala média das explorações;
- limitada profissionalização do manuseio em parte dos operadores.

Apesar destes constrangimentos, a fileira dispõe de ativos relevantes: conhecimento prático acumulado, adaptação ao território, diversidade floral, qualidade potencial dos méis e ligação direta à biodiversidade regional.

A consolidação produtiva da apicultura algarvia exige maior capacidade de planeamento, reforço da sanidade apícola, modernização de equipamentos, melhoria do manuseio, qualificação técnica e mecanismos de cooperação que permitam reduzir riscos e aumentar a eficiência económica.

3.4 · Estrutura Empresarial

A estrutura empresarial da apicultura no Algarve é dominada por empresários individuais e microexplorações. O perfil económico recentemente trabalhado confirma esta realidade: em 2024, a fileira contava com 196 empresas, das quais 191 eram empresas individuais e apenas 5 sociedades, evidenciando uma estrutura muito atomizada e pouco societária.

Entre 2019 e 2024, o número total de empresas passou de 212 para 196, revelando uma ligeira contração da base empresarial. Esta evolução sugere uma fileira com presença territorial consolidada, mas com dificuldades de crescimento e renovação empresarial.

A distribuição municipal evidencia concentração em alguns concelhos, com destaque para Loulé, Silves e Tavira, que reúnem uma parte significativa das empresas apícolas do Algarve. Esta concentração territorial reflete a importância das condições naturais, da disponibilidade de espaços adequados para apiários e da existência de tradição produtiva local.

A predominância de empresas individuais tem implicações diretas na organização da fileira. Por um lado, revela proximidade ao território, flexibilidade e forte ligação pessoal à atividade. Por outro, limita capacidade de investimento, profissionalização da gestão, acesso a mercados, sucessão empresarial e cooperação estruturada.

A fileira integra também um segmento mais profissionalizado, com maior escala, melhor organização produtiva e maior capacidade comercial. Contudo, esse segmento não é ainda suficientemente expressivo para alterar a configuração dominante da atividade.

A sustentabilidade empresarial da apicultura dependerá, por isso, da capacidade de apoiar a transição de microatividades isoladas para modelos mais organizados, cooperativos, qualificados e comercialmente valorizados.

3.5 · Estrutura Comercial e Mercados

A estrutura comercial da apicultura no Algarve é marcada por forte fragmentação dos canais de venda e reduzida integração coletiva. A venda direta, os circuitos curtos, os mercados locais, a restauração, as feiras e alguns canais informais desempenham papel relevante no escoamento da produção.

Esta configuração apresenta vantagens e limitações. A venda direta pode permitir maior margem unitária e relação próxima com o consumidor, mas limita escala, previsibilidade de rendimento, capacidade de negociação e acesso a mercados mais exigentes.

Quando a produção é vendida sem diferenciação suficiente, a capacidade de captura de valor diminui. Esta fragilidade é particularmente relevante num mercado onde o mel enfrenta concorrência externa, pressão sobre preços e exigências crescentes de qualidade, rastreabilidade e comunicação da origem.

O potencial de valorização da fileira passa por reforçar atributos diferenciadores associados ao Algarve, nomeadamente:

- origem territorial;
- biodiversidade mediterrânica;
- autenticidade;
- qualidade sensorial;
- sustentabilidade;
- ligação à paisagem rural;
- contributo para polinização e equilíbrio ecológico;
- articulação com turismo de natureza e gastronomia.

A valorização comercial do mel e dos restantes produtos apícolas exige maior organização da oferta, melhor comunicação, eventual certificação ou referência da origem, desenvolvimento de marcas, acesso a canais especializados e capacidade de ligação a experiências territoriais.

A fileira não deve competir apenas pelo preço. Deve competir por valor, diferenciação, origem e confiança.

3.6 · Síntese Diagnóstica da Fileira

A análise da Fileira da Apicultura do Algarve permite identificar uma atividade de pequena escala económica, mas de elevada relevância territorial, ambiental e produtiva. Os principais traços estruturais da fileira são:

- predominância de empresários individuais e microexplorações;
- ligeira redução do número de empresas entre 2019 e 2024;
- concentração territorial em alguns concelhos, nomeadamente Loulé, Silves e Tavira;
- forte dependência das condições climáticas, florais e sanitárias;
- baixa incorporação de emprego formal;
- reduzida escala média e limitada capacidade de investimento;
- fragilidade na organização coletiva e na valorização comercial;
- elevado valor ambiental associado à polinização e à biodiversidade.

A apicultura algarvia apresenta capacidade de geração de valor, mas enfrenta constrangimentos estruturais que condicionam a sua consolidação empresarial. A indisponibilidade de dados económicos recentes para alguns indicadores regionais recomenda prudência analítica, mas não altera a leitura central: trata-se de uma fileira real, territorialmente relevante, mas economicamente frágil e muito dependente do empreendedor individual.

A sustentabilidade futura da fileira dependerá da capacidade de reforçar organização coletiva, sanidade apícola, qualificação técnica, investimento produtivo, sucessão empresarial e valorização comercial dos produtos apícolas.

A principal mensagem estratégica é clara: a Apicultura do Algarve deve ser valorizada não apenas como atividade produtiva, mas como fileira territorial, ambiental e identitária, capaz de contribuir para a biodiversidade, a sustentabilidade, a diferenciação dos produtos locais e a diversificação económica regional.

4 Estrutura da Fileira e Cadeia de Valor da Apicultura

4.1 · Modelo Estrutural da Fileira

A Fileira da Apicultura do Algarve deve ser entendida como um sistema económico, territorial e ambiental que integra produção primária, manejo das colónias, extração e acondicionamento do mel, transformação complementar, comercialização e valorização territorial.

A fileira não se limita à produção de mel. Inclui também outros produtos apícolas, como pólen, cera, própolis e geleia real, bem como serviços ecológicos relevantes, em especial a polinização, com impacto direto na produtividade agrícola e na preservação da biodiversidade regional.

O modelo estrutural da fileira assenta em cinco dimensões principais:

- **base produtiva e ambiental**, condicionada pela flora melífera, clima, sanidade das colónias e qualidade dos habitats;
- **manejo e produção apícola**, dependente da experiência do produtor, da escala da exploração e da capacidade técnica;
- **extração, acondicionamento e transformação**, essenciais para qualidade, segurança alimentar, rastreabilidade e diferenciação;
- **comercialização e acesso a mercados**, determinantes para a captura de valor;
- **valorização territorial, sustentabilidade e serviços de polinização**, que reforçam a função ambiental e económica da atividade.

A estrutura atual da fileira é marcada por elevada atomização, predominância de microexplorações e reduzida integração vertical. A maioria dos produtores concentra-se na produção primária, com limitada participação nas fases de transformação, marca, certificação, comercialização estruturada e valorização territorial.

Esta configuração condiciona a retenção de valor na origem e limita a capacidade de consolidação empresarial. Assim, a competitividade da fileira depende menos do aumento isolado da produção e mais da capacidade de organizar melhor a cadeia de valor, reforçar cooperação e transformar qualidade, origem e função ambiental em valor económico.

4.2 · Cadeia de Valor da Apicultura do Algarve

A cadeia de valor da Apicultura do Algarve estrutura-se em seis elos principais:

1. Recursos naturais e flora melífera;
2. Manejo apícola e gestão das colónias;
3. Produção e extração de mel e outros produtos apícolas;
4. Acondicionamento, transformação e certificação;
5. Comercialização e distribuição;
6. Valorização territorial, polinização e experiências associadas.

Quadro 2 - Cadeia de Valor da Apicultura do Algarve

Recursos e condições de base	Produção e manejo	Extração e preparação	Valorização do produto	Comercialização	Valorização territorial
Flora melífera, clima, biodiversidade, habitats,	Gestão dos apiários, manejo das colónias, alimentação,	Extração do mel, filtragem, acondicionamento, armazenamento,	Embalagem, marca, diferenciação, rastreabilidade, certificação,	Venda direta, mercados locais, comércio especializado, restauração,	Polinização, biodiversidade, educação ambiental, turismo de

Recursos e condições de base	Produção e manejo	Extração e preparação	Valorização do produto	Comercialização	Valorização territorial
sanidade das colónias	controlo sanitário, mobilidade	controlo de qualidade	produtos derivados	turismo, intermediários	natureza, gastronomia, produtos locais

Fonte: Algarve Empreende 2026

- O primeiro elo - recursos naturais e flora melífera - constitui a base da fileira. A diversidade de espécies mediterrânicas, as condições climáticas e a qualidade dos habitats influenciam diretamente a produtividade das colónias, a diferenciação dos méis e a estabilidade da produção.
- O segundo elo - manejo apícola e gestão das colónias - é decisivo para a produtividade e sobrevivência das explorações. A sanidade apícola, a gestão da alimentação, a mobilidade dos apiários, o controlo de doenças e a adaptação às condições climáticas são fatores determinantes para a viabilidade económica da atividade.
- O terceiro elo - produção e extração - corresponde ao núcleo tradicional da fileira. Nesta fase, a pequena escala média das explorações e a dispersão territorial condicionam a eficiência produtiva e a capacidade de gerar economias de escala.
- O quarto elo - acondicionamento, transformação e certificação - representa uma etapa crítica para a criação de valor. A qualidade do acondicionamento, a rastreabilidade, a marca, a diferenciação da origem e a conformidade sanitária podem aumentar significativamente a capacidade de valorização do produto final.
- O quinto elo - comercialização e distribuição - é um dos principais pontos críticos da fileira. A venda direta pode gerar maior margem unitária, mas a fragmentação dos canais, a dependência de mercados locais e o recurso a intermediários ou venda a granel limitam a previsibilidade de rendimento e a capacidade de expansão.
- O sexto elo - valorização territorial, polinização e experiências associadas - constitui uma oportunidade ainda insuficientemente explorada. A apicultura pode ser valorizada não apenas através do mel, mas também pela sua função ecológica, pela ligação à biodiversidade, pela educação ambiental, pelo turismo de natureza e pela articulação com produtos locais e gastronomia.

A análise da cadeia evidencia que a criação de valor não se concentra exclusivamente na produção primária. Depende da articulação entre qualidade, origem, organização, transformação, comunicação, canais comerciais e valorização ambiental.

4.3 · Distribuição e Retenção de Valor na Cadeia

A retenção de valor na Fileira da Apicultura do Algarve não se distribui de forma homogénea ao longo da cadeia. A maior fragilidade situa-se na passagem da produção primária para fases de maior valorização económica, como acondicionamento qualificado, marca própria, certificação, comercialização estruturada e diferenciação territorial.

Na fase de produção primária, a criação de valor é condicionada pela pequena escala, variabilidade climática, riscos sanitários e custos de manejo. Produtores que vendem mel a granel ou sem diferenciação tendem a reter menor margem e a ficar mais expostos à pressão dos preços.

A fase de extração, acondicionamento e transformação permite aumentar o valor captado, sobretudo quando associada a boas práticas, qualidade, rastreabilidade e apresentação comercial adequada. Contudo, muitos produtores de pequena escala têm capacidade limitada para investir nestas etapas ou para cumprir individualmente todas as exigências técnicas e comerciais.

A marca própria, a certificação e a comunicação da origem são instrumentos decisivos para reforçar a retenção de valor. No caso do Algarve, atributos como biodiversidade mediterrânica, autenticidade territorial, sustentabilidade e ligação à paisagem rural podem constituir elementos diferenciadores.

A comercialização direta permite maior margem unitária, sobretudo em mercados locais, feiras, lojas especializadas, restauração, turismo e circuitos curtos. No entanto, quando feita de forma isolada e fragmentada, limita escala, alcance e estabilidade de rendimento.

A comercialização através de intermediários ou venda a granel pode facilitar o escoamento, mas reduz a margem do produtor e enfraquece a capacidade de construção de marca e relação com o consumidor.

Finalmente, os serviços de polinização representam uma fonte potencial de valor ainda pouco estruturada. Apesar da sua relevância para a agricultura regional e para os ecossistemas, permanecem insuficientemente reconhecidos enquanto atividade económica remunerada.

A principal conclusão é clara: a fileira não tem apenas um problema produtivo. Tem sobretudo um desafio de retenção de valor, organização comercial e valorização da função ambiental da apicultura.

4.4 · Pontos Críticos da Cadeia de Valor

A análise da cadeia de valor permite identificar cinco pontos críticos que condicionam a consolidação económica da Apicultura do Algarve.

1. Fraca integração vertical. A maioria dos produtores permanece concentrada na produção primária, com reduzida participação nas fases de transformação, certificação, marca e comercialização estruturada. Esta limitação impede maior captura de valor na origem.

2. Atomização produtiva. A elevada dispersão de microexplorações dificulta economias de escala, reduz poder negocial e limita a capacidade de investimento em inovação, diferenciação e acesso a mercados de maior valor acrescentado.

3. Dependência de canais de baixo valor acrescentado. A venda a granel ou através de intermediários pode assegurar escoamento, mas compromete margem, reduz controlo sobre o preço final e dificulta a afirmação de uma identidade regional forte.

4. Subvalorização da polinização. A polinização constitui uma função ecológica e económica essencial, mas permanece pouco estruturada como serviço remunerado. Esta é uma oportunidade relevante para diversificar rendimento e reforçar o reconhecimento económico da fileira.

5. Fraca articulação entre produção, território e mercado. A identidade territorial, a biodiversidade e a autenticidade do mel algarvio ainda não são suficientemente convertidas em valor comercial. A ausência de estratégias coletivas de comunicação e posicionamento limita o potencial de diferenciação.

Estes pontos críticos demonstram que a sustentabilidade da fileira depende de maior organização, cooperação e integração entre os vários elos da cadeia.

4.5 · Articulação com Território, Sustentabilidade e Turismo de Natureza

A Apicultura do Algarve apresenta forte potencial de articulação com o território, a sustentabilidade e o turismo de natureza. Esta dimensão é particularmente relevante num contexto regional onde a valorização dos produtos locais, da biodiversidade e das experiências autênticas pode reforçar a diferenciação económica.

A atividade contribui diretamente para a preservação da biodiversidade, para a polinização de culturas agrícolas e para o equilíbrio dos ecossistemas. Esta função ambiental deve ser integrada na

narrativa económica da fileira, reforçando o reconhecimento do papel dos apicultores na sustentabilidade regional.

A ligação ao turismo pode assumir diferentes formas:

- visitas a explorações apícolas;
- experiências de educação ambiental;
- provas de mel e produtos apícolas;
- articulação com percursos de natureza;
- integração em programas de turismo rural;
- presença em lojas de produtos locais, hotelaria e restauração;
- ligação a experiências gastronómicas e culturais.

Esta articulação deve ser desenvolvida com prudência e realismo. Nem todos os produtores terão perfil ou escala para desenvolver atividades turísticas. Contudo, a fileira pode beneficiar de iniciativas coletivas que integrem o mel e os produtos apícolas na oferta territorial do Algarve.

A valorização da apicultura deve, por isso, assentar numa leitura integrada: produto, território, biodiversidade, sustentabilidade e experiência. Esta abordagem permite reforçar notoriedade, criar diferenciação e aumentar a capacidade de retenção de valor na região.

4.6 · Síntese Interpretativa da Cadeia de Valor

A cadeia de valor da Apicultura do Algarve revela uma fileira com forte base territorial e ambiental, mas ainda limitada na sua capacidade de transformar esse potencial em valor económico estruturado.

A principal fragilidade não reside apenas na produção, mas na reduzida integração entre produção, transformação, certificação, marca, comercialização e valorização territorial. A predominância de microexplorações e a fraca organização coletiva reduzem a capacidade de investimento, a escala comercial e o poder negocial dos produtores.

O reforço da cadeia de valor exige três movimentos essenciais:

- **maior integração vertical**, através de acondicionamento, marca, certificação e canais de venda mais estruturados;
- **maior cooperação entre produtores**, permitindo ganhos de escala, partilha de infraestruturas e valorização comercial conjunta;
- **maior articulação com território, sustentabilidade e turismo de natureza**, transformando biodiversidade, origem e função ecológica em fatores de diferenciação.

A mensagem estratégica é clara: a Apicultura do Algarve não deve competir por volume, mas por valor, origem, qualidade, sustentabilidade e confiança. A sua consolidação dependerá da capacidade de transformar uma fileira dispersa e ambientalmente relevante numa cadeia mais organizada, diferenciada e orientada para mercados de maior valor acrescentado.

5 Dinâmica Empresarial da Fileira da Apicultura

5.1 · Enquadramento e Objetivos Analíticos

A análise da dinâmica empresarial da Fileira da Apicultura do Algarve tem como objetivo compreender os movimentos de criação, consolidação e cessação de empresas na atividade, identificando os fatores que condicionam a sua vitalidade económica e a sua capacidade de permanência no mercado.

A leitura centra-se no CAE 01491 - Apicultura, considerando os indicadores de natalidade, sobrevivência a dois anos e mortalidade empresarial. Estes indicadores permitem observar a entrada de novos operadores, a capacidade de consolidação das empresas recém-criadas e o risco de encerramento da atividade.

A interpretação destes dados deve ser feita com prudência. A fileira apresenta uma dimensão empresarial reduzida e forte peso de empresas individuais, pelo que pequenas variações no número absoluto de empresas podem gerar oscilações percentuais relevantes, sobretudo ao nível municipal.

A dinâmica empresarial da apicultura algarvia revela uma combinação de entrada regular de novos operadores, sobrevivência moderada e mortalidade relativamente elevada.

Quadro 3 - Taxas de natalidade, sobrevivência e mortalidade das empresas apícolas; Algarve; 2019 a 2023

Unidade: percentagem (%)

Ano	Taxa de natalidade (%)	Taxa de sobrevivência a 2 anos (%)	Taxa de mortalidade (%)
2019	7,2	55	10,1
2020	8,4	57	9,8
2021	7,6	54	11,5
2022	8,0	52	12,3
2023	8,2	50	14,5

Fonte: INE. Tratamento: Algarve Empreende 2026.

A taxa de natalidade mantém-se relativamente estável ao longo do período, oscilando entre 7,2% e 8,4%. Esta evolução sugere que a apicultura continua a permitir a entrada de novos operadores, beneficiando de barreiras iniciais relativamente reduzidas e da possibilidade de início em pequena escala.

Contudo, a criação de novas empresas não garante consolidação económica. A taxa de sobrevivência a dois anos apresenta uma trajetória descendente, passando de 55% em 2019 para 50% em 2023, o que sinaliza dificuldades de permanência no mercado e fragilidade na consolidação das empresas recém-criadas.

A taxa de mortalidade aumenta de forma progressiva, de **10,1% em 2019** para **14,5% em 2023**. Este agravamento é particularmente relevante, pois aponta para uma fileira exposta a fatores de risco produtivo, económico e comercial, nomeadamente pequena escala, volatilidade climática, custos de produção, sanidade apícola e dificuldade de acesso a canais de valorização estáveis.

5.2 · Leitura Territorial da Dinâmica Empresarial

As taxas municipais de natalidade, sobrevivência e mortalidade revelam forte variabilidade territorial. Esta variabilidade deve ser interpretada com cautela, uma vez que, em concelhos com poucos operadores, a criação ou encerramento de uma única empresa pode gerar taxas percentuais muito elevadas.

Ainda assim, a análise municipal permite identificar diferenças relevantes entre territórios. Concelhos com maior tradição produtiva, maior número de operadores ou maior articulação associativa tendem a apresentar maior estabilidade empresarial. Pelo contrário, territórios com menor escala média, menor densidade de produtores ou maior exposição a riscos ambientais revelam maior fragilidade.

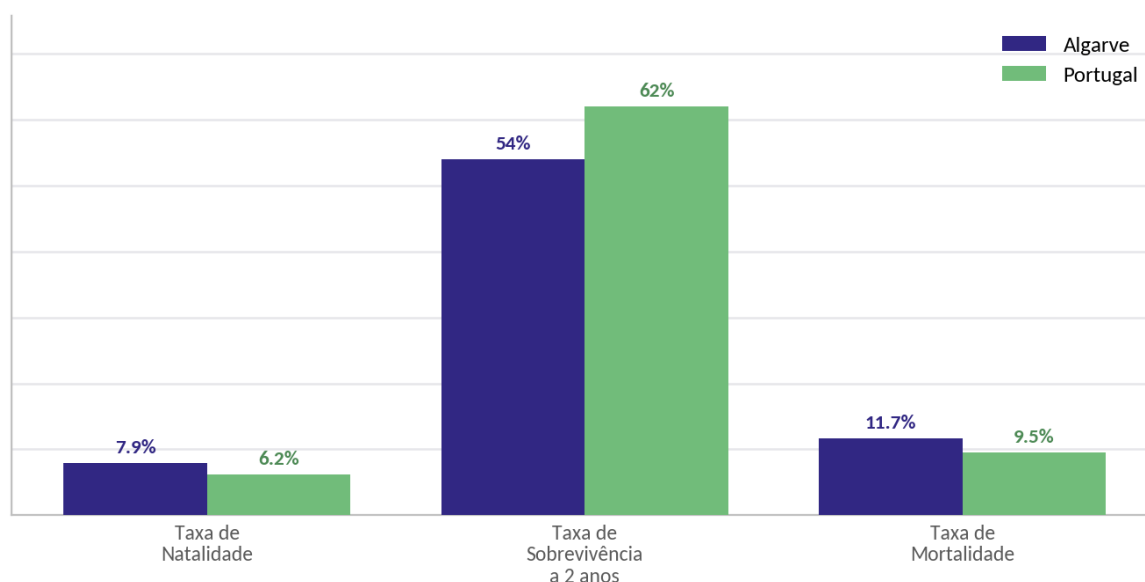
No caso da apicultura, a leitura territorial deve ser cruzada com fatores como disponibilidade de flora melífera, condições de serra e barrocal, pressão urbanística, risco de incêndio, acessibilidade dos apiários, sanidade das colónias e presença de redes de apoio técnico ou associativo.

Por esta razão, recomenda-se que as tabelas municipais detalhadas sejam mantidas apenas como suporte técnico ou anexo, evitando sobrecarregar o corpo principal do relatório.

5.3 · Comparação Algarve - Portugal

A comparação com o contexto nacional permite enquadrar melhor a situação da apicultura algarvia.

Gráfico 4 - Comparação Algarve versus Portugal - médias 2019 a 2023



Unidade: percentagem (%)

Fonte: elaboração própria a partir de dados do INE

Quadro 4 - Comparação Algarve - Portugal; médias 2019 a 2023

Indicador	Algarve (%)	Portugal (%)	Leitura
Taxa de natalidade	7,9	6,2	Maior entrada relativa de novos operadores no Algarve
Taxa de sobrevivência a 2 anos	54	62	Menor capacidade relativa de consolidação
Taxa de mortalidade	11,7	9,5	Maior vulnerabilidade empresarial regional

Fonte: INE. Tratamento: Algarve Empreende 2026.

A comparação mostra que o Algarve apresenta uma taxa média de natalidade superior à nacional, sinalizando maior facilidade relativa de entrada na atividade. No entanto, a taxa de sobrevivência é inferior à média nacional e a taxa de mortalidade é superior, revelando maior fragilidade na consolidação das empresas apícolas regionais.

Esta combinação é particularmente relevante: a fileira consegue atrair ou gerar novos operadores, mas apresenta dificuldades em assegurar a permanência sustentada das empresas no mercado.

A leitura estratégica é clara: o problema central da dinâmica empresarial da apicultura algarvia não está apenas na criação de empresas, mas sobretudo na sua consolidação, resiliência e capacidade de gerar rendimento estável.

5.4 · Fatores de Competitividade e Sustentabilidade da Dinâmica Empresarial

A dinâmica empresarial da apicultura algarvia é condicionada por fatores estruturais que afetam diretamente a criação, sobrevivência e encerramento das empresas. Entre os principais fatores de fragilidade destacam-se:

- pequena escala média das explorações;
- forte peso de empresários individuais;
- dependência das condições climáticas e da disponibilidade de flora melífera;
- riscos sanitários das colónias;
- custos de produção e de manejo;
- limitada organização coletiva;
- dificuldades de valorização comercial;
- insuficiente diferenciação e comunicação da origem;
- reduzido investimento produtivo.

Por outro lado, a fileira dispõe de ativos relevantes que podem reforçar a sua sustentabilidade:

- ligação ao território;
- qualidade potencial dos méis mediterrânicos;
- biodiversidade regional;
- conhecimento prático dos apicultores;
- papel na polinização;
- articulação com produtos locais;
- potencial de ligação ao turismo de natureza e à educação ambiental.

A sustentabilidade da dinâmica empresarial dependerá da capacidade de transformar estes ativos em vantagens económicas concretas. Para isso, será necessário reforçar capacitação, cooperação, sanidade apícola, diferenciação, canais de comercialização e valorização do papel ambiental da atividade.

5.5 · Síntese Interpretativa

A dinâmica empresarial da Fileira da Apicultura do Algarve caracteriza-se por uma combinação de vitalidade inicial e fragilidade estrutural.

A taxa de natalidade mostra que continuam a surgir novos operadores, favorecidos pela possibilidade de entrada em pequena escala. Contudo, a redução da taxa de sobrevivência e o aumento da mortalidade empresarial revelam dificuldades de consolidação e maior exposição a riscos produtivos, climáticos, sanitários e comerciais.

A comparação com Portugal reforça esta leitura: o Algarve apresenta maior entrada relativa de empresas, mas menor sobrevivência e maior mortalidade. Esta combinação indica que a fileira tem atratividade, mas enfrenta dificuldades em transformar novos projetos em empresas sustentáveis.

A principal mensagem estratégica é clara: a prioridade não deve ser apenas estimular a criação de novas empresas apícolas, mas assegurar melhores condições para a sua sobrevivência, valorização comercial e consolidação económica.

A sustentabilidade futura da fileira dependerá da capacidade de reforçar organização coletiva, profissionalização, sanidade apícola, investimento produtivo, diferenciação dos méis, acesso a mercados e reconhecimento económico da função ambiental da apicultura.

6 Diagnóstico Estratégico da Fileira da Apicultura no Algarve

A análise desenvolvida nos capítulos anteriores permite identificar uma fileira com forte relevância territorial, ambiental e produtiva, mas marcada por fragilidades estruturais que condicionam a sua consolidação económica.

A Fileira da Apicultura do Algarve apresenta uma base empresarial real, distribuída pelo território e fortemente ligada aos recursos naturais, à biodiversidade mediterrânica e à produção de mel e outros produtos apícolas. Contudo, a sua estrutura é dominada por microexplorações, empresários individuais, baixa escala média, reduzida integração comercial e forte exposição a riscos climáticos, sanitários e económicos.

O diagnóstico estratégico da fileira deve, por isso, partir de uma ideia central: a apicultura algarvia não tem apenas um problema de produção; tem sobretudo um desafio de organização, valorização e retenção de valor.

6.1 · Estrutura Empresarial e Perfil Dominante da Fileira

A estrutura empresarial da apicultura no Algarve é composta maioritariamente por microexplorações e empresas individuais, muitas vezes assentes no trabalho direto do próprio apicultor e em modelos de base familiar ou complementar.

Esta configuração revela forte enraizamento territorial, proximidade ao recurso natural e conhecimento prático acumulado. No entanto, limita a capacidade de investimento, profissionalização, planeamento, inovação e acesso a canais comerciais mais exigentes.

O perfil económico da fileira confirma esta realidade: em 2024, a apicultura algarvia contava com 196 empresas, das quais 191 eram empresas individuais e apenas 5 sociedades, evidenciando um tecido empresarial muito atomizado e pouco societário.

A distribuição territorial apresenta concentração em concelhos como Loulé, Silves e Tavira, sinalizando a importância das condições naturais, da tradição produtiva e da disponibilidade de espaços adequados à instalação de apiários.

Esta estrutura empresarial não deve ser vista apenas como fragilidade. A pequena escala pode favorecer autenticidade, proximidade ao consumidor e ligação ao território. Contudo, para gerar sustentabilidade económica, precisa de ser compensada por maior cooperação, organização comercial, capacitação técnica e valorização diferenciada do produto.

6.2 · Principais Constrangimentos ao Desenvolvimento da Fileira

A fileira enfrenta um conjunto de constrangimentos estruturais que condicionam a sua evolução.

O primeiro constrangimento é a pequena escala média das explorações. Esta realidade limita economias de escala, reduz capacidade de investimento, enfraquece poder negocial e dificulta a presença em canais comerciais mais estruturados.

O segundo constrangimento é a elevada dependência ambiental. A seca, as ondas de calor, a irregularidade das floradas, os incêndios, as doenças das colónias e a degradação de habitats afetam diretamente a produtividade, a estabilidade da produção e o rendimento dos produtores.

O terceiro constrangimento é a fragilidade da organização coletiva. A dispersão dos produtores e a limitada cooperação dificultam compras conjuntas, partilha de equipamentos, promoção coletiva, certificação, estruturação comercial e defesa de interesses comuns.

O quarto constrangimento é a reduzida retenção de valor na origem. Quando o mel é vendido sem diferenciação, marca, certificação ou narrativa territorial, o produtor fica mais exposto à pressão sobre preços e perde capacidade de valorização económica.

O quinto constrangimento é a subvalorização económica da polinização. Apesar da sua importância para a agricultura e para os ecossistemas, a polinização permanece pouco estruturada enquanto serviço remunerado, reduzindo uma potencial fonte complementar de rendimento.

Estes constrangimentos mostram que a fragilidade da fileira resulta menos da inexistência de valor e mais da dificuldade em transformar esse valor em rendimento estável, escala comercial e sustentabilidade empresarial.

6.3 · Fatores Críticos de Sucesso e Resiliência Empresarial

A consolidação da apicultura algarvia depende de um conjunto de fatores críticos de sucesso.

O primeiro é a profissionalização do manejo e da gestão. A sanidade das colónias, a adaptação às condições climáticas, a gestão dos apiários, o controlo de custos e o planeamento produtivo são determinantes para reduzir risco e melhorar a viabilidade económica.

O segundo é a organização coletiva. A cooperação entre produtores pode permitir ganhos de escala, maior capacidade de negociação, acesso a equipamentos partilhados, valorização comercial conjunta e melhor articulação com entidades públicas e associativas.

O terceiro é a diferenciação do produto. A qualidade dos méis, a origem Algarve, a biodiversidade mediterrânica, a sustentabilidade e a autenticidade territorial devem ser transformadas em atributos comerciais reconhecíveis pelo consumidor.

O quarto é a estruturação dos canais de venda. A venda direta, os circuitos curtos, a restauração, as lojas especializadas, os produtos locais, o turismo de natureza e os canais digitais podem reforçar a margem dos produtores, desde que integrados numa estratégia comercial coerente.

O quinto é a capacidade de investimento e renovação geracional. Sem investimento produtivo, modernização de equipamentos, capacitação e sucessão empresarial, a fileira tenderá a manter fragilidades estruturais.

A resiliência empresarial dependerá, assim, da capacidade de combinar conhecimento prático, gestão profissional, cooperação, diferenciação e acesso a mercados de maior valor acrescentado.

6.4 · Tendências Emergentes e Sinais de Transformação

Apesar das fragilidades identificadas, a apicultura algarvia apresenta oportunidades relevantes de transformação.

A primeira tendência é a valorização dos produtos locais. O consumidor valoriza cada vez mais origem, autenticidade, proximidade, qualidade e relação com o território. Esta tendência pode beneficiar o mel do Algarve, desde que exista uma comunicação clara do seu valor diferenciador.

A segunda tendência é a sustentabilidade ambiental. A apicultura está naturalmente associada à biodiversidade, à polinização e à saúde dos ecossistemas. Esta ligação pode reforçar o posicionamento da fileira em segmentos sensíveis a práticas sustentáveis e produtos responsáveis.

A terceira tendência é a articulação com turismo de natureza e gastronomia. O mel e os produtos apícolas podem integrar experiências territoriais, lojas de produtos locais, hotelaria, restauração, percursos de natureza, ações educativas e programas de valorização do interior algarvio.

A quarta tendência é a digitalização comercial. Mesmo em pequena escala, os produtores podem beneficiar de ferramentas digitais para comunicação, venda direta, fidelização de clientes e construção de marca.

A quinta tendência é a inovação aplicada. Novos produtos, melhor acondicionamento, rastreabilidade, certificação, embalagens sustentáveis, valorização de subprodutos e serviços associados à polinização podem criar novas fontes de valor.

Estas tendências mostram que a apicultura tem espaço para evoluir, mas essa evolução exige organização, capacitação e orientação estratégica.

6.5 · Prioridades Estratégicas para a Fileira

Com base no diagnóstico realizado, identificam-se seis prioridades estratégicas para a Fileira da Apicultura do Algarve:

1. **Reforçar a organização coletiva dos produtores**, promovendo cooperação, redes de apoio, partilha de recursos e ações conjuntas de valorização.
2. **Valorizar comercialmente o mel e os produtos apícolas do Algarve**, apostando em origem, qualidade, diferenciação, marca, rastreabilidade e comunicação.
3. **Melhorar a profissionalização e capacitação dos apicultores**, com enfoque em sanidade apícola, gestão, comercialização, inovação, digitalização e acesso a apoios.
4. **Aumentar a resiliência produtiva da fileira**, através de melhor manejo, adaptação climática, prevenção sanitária e gestão dos riscos ambientais.
5. **Estruturar melhor os canais de comercialização**, reforçando venda direta qualificada, circuitos curtos, lojas especializadas, restauração, turismo, canais digitais e eventuais estratégias coletivas de mercado.
6. **Reconhecer e valorizar a função ambiental da apicultura**, nomeadamente a polinização, a biodiversidade e a contribuição para os ecossistemas agrícolas e naturais.

Estas prioridades devem orientar a intervenção pública, associativa e empresarial, permitindo transformar uma fileira fragmentada numa atividade mais organizada, valorizada e sustentável.

6.6 · Síntese Estratégica

A Fileira da Apicultura do Algarve apresenta uma combinação clara de valor territorial e fragilidade económica.

O seu valor decorre da ligação ao território, da produção de mel e outros produtos apícolas, do contributo para a polinização, da preservação da biodiversidade e da associação à sustentabilidade ambiental.

A sua fragilidade resulta da pequena escala, da predominância de empresários individuais, da baixa integração comercial, da reduzida organização coletiva, da exposição climática e sanitária e da limitada capacidade de investimento.

A sustentabilidade futura da fileira dependerá menos do aumento isolado da produção e mais da capacidade de organizar, diferenciar, comunicar e valorizar.

A principal conclusão estratégica é clara: a Apicultura do Algarve deve afirmar-se como fileira de valor territorial, ambiental e económico, competindo não por volume, mas por origem, qualidade, sustentabilidade, confiança e ligação ao território.

7 Perfil do Empreendedor da Fileira da Apicultura do Algarve

O presente capítulo apresenta a análise dos resultados do questionário aplicado aos empreendedores da Fileira da Apicultura do Algarve, no âmbito do Projeto Algarve Empreende 2026.

O objetivo é caracterizar o perfil dos respondentes, compreender as condições em que nasceram as respetivas atividades, identificar fatores de evolução e continuidade empresarial, e recolher perceções sobre inovação, dificuldades, tendências e prioridades futuras da fileira.

A leitura dos resultados deve ser efetuada com prudência, tendo em conta a dimensão da amostra e a natureza indicativa das respostas. Ainda assim, os dados recolhidos são relevantes, porque permitem captar a perceção direta dos empreendedores que atuam na fileira, complementando a análise estatística, económica e territorial desenvolvida nos capítulos anteriores.

No caso da Apicultura, esta leitura assume particular importância. Trata-se de uma fileira marcada por microescala, forte peso de empresários individuais, dependência do conhecimento prático, sensibilidade a fatores climáticos e sanitários, e necessidade de reforçar organização, valorização comercial e sucessão empresarial.

A análise segue a estrutura do questionário comum aplicado às fileiras dos produtos endógenos do Algarve, permitindo assegurar homogeneidade metodológica e comparabilidade entre setores. Assim, o capítulo organiza-se em torno das seguintes dimensões:

- caracterização da atividade de negócio;
- contexto de nascimento da atividade;
- perfil do empreendedor;
- evolução recente e expectativas futuras;
- inovação, I&D e tendências;
- balanço, recomendações e visão de futuro.

Mais do que apresentar apenas dados descritivos, este capítulo procura identificar padrões relevantes para a compreensão das trajetórias empresariais da fileira. A informação recolhida permite perceber quem são os empreendedores, que motivações estiveram na origem da atividade, que dificuldades enfrentaram, que expectativas têm para o futuro e que fatores consideram decisivos para a sustentabilidade da Apicultura no Algarve.

Em termos estratégicos, o perfil do empreendedor apícola é essencial para compreender a própria fileira: a sua resiliência, os seus riscos, a sua capacidade de renovação e o seu potencial de valorização dependem, em larga medida, das competências, decisões e expectativas dos produtores que a integram.

Quadro 5 - Taxa de resposta ao questionário - Fileira da Apicultura

Indicador	Valor
Número de respostas ao questionário	11
Número total de empresas da fileira - Apicultura (CAE 01491)	196
Taxa de resposta das empresas da fileira ao questionário	6%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

7.1 · Secção A - Caracterização da Atividade do Negócio

Fileira principal da atividade: Apicultura - 11 respondentes.

Quadro 6 - Atividade (CAE) principal dos respondentes

CAE	Designação	N.º
01491	Apicultura	6
01481	Não consta da Classificação Portuguesa das Atividades Económicas	3
01100	Não consta da CPAE (CAE 011 - Culturas temporárias)	1
01492	Cunicultura	1

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 7 - Tipo de entidade

Categoria	N.º	%
Empresário em nome individual	9	82%
Sociedade unipessoal por quotas	–	0%
Sociedade por quotas	1	9%
Cooperativa	–	0%
Associação / Organização de Produtores	–	0%
Outra forma jurídica	1	9%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 8 - Ano de início da atividade

Categoria	N.º	%
Antes de 1979	–	0%
1980-1989	–	0%
1990-1999	1	9%
2000-2009	4	36%
2010-2019	5	45%
2020-2025	1	9%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 9 - Número atual de trabalhadores

Categoria	N.º	%
1 (apenas o próprio)	9	82%
2-9	2	18%
10-49	–	0%
50-250	–	0%
Mais de 250	–	0%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 10 - Volume de negócios anual médio

Categoria	N.º	%
< 100 000 €	10	91%
100 000 € – 500 000 €	1	9%
500 000 € – 2M €	–	0%

Categoria	N.º	%
2M € – 10M €	–	0%
10M € – 50M €	–	0%
Mais de 50M €	–	0%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 11 - Origem maioritária dos trabalhadores

Categoria	N.º	%
Algarve	11	100%
Restantes regiões de Portugal	–	0%
Estrangeiro	–	0%
Mista / equilibrada	–	0%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 12 - Concelho onde a atividade está localizada

Categoria	N.º	%
Alcoutim	2	18%
Loulé	4	36%
Olhão	1	9%
Silves	1	9%
Tavira	3	27%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

7.2 · Secção B - Contexto para o Nascimento da Atividade

Quadro 13 - Principais motivos para a criação da empresa

Categoria	N.º	%
Continuação da atividade familiar	9	56%
Oportunidade de mercado	1	6%
Falta de emprego alternativo	1	6%
Interesse pessoal / vocação	3	19%
Existência de apoios / incentivos públicos	2	13%
Regresso à terra	–	0%
Total de respostas: 16		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 14 - Grau de dificuldade sentido na criação da empresa

Categoria	N.º	%
1 - Muito baixo	2	18%
2	1	9%
3	5	45%
4	–	0%
5 - Muito elevado	3	27%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 15 - Principais dificuldades no arranque da empresa

Categoria	N.º	%
Acesso a financiamento	2	8%
Burocracia / licenciamentos	6	23%
Falta de informação técnica	2	8%
Acesso a mercados	6	23%
Acesso a mão-de-obra	2	8%
Custos de produção	6	23%
Certificações	1	4%
Nenhuma dificuldade relevante	1	4%
Total de respostas: 26		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 16 - Fontes de financiamento utilizadas no arranque da empresa

Categoria	N.º	%
Fundos próprios	9	50%
Fundos familiares	2	11%
Crédito bancário	1	6%
Apoios públicos / fundos europeus	6	33%
Total de respostas: 18		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 17 - Origem da propriedade - terrenos e infraestruturas

Categoria	N.º	%
Herança	5	33%
Adquirida	1	7%
Arrendada	3	20%
Concessão	4	27%
Não aplicável	2	13%
Total de respostas: 15		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 18 - Condições de contexto do Algarve positivas para o nascimento da empresa

Categoria	N.º	%
Sim	4	36%
Não	2	18%
Em parte	3	27%
Não sabe / Não responde	2	18%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

7.3 · Secção C - Perfil do Empreendedor

Quadro 19 - Origem do empreendedor

Categoria	N.º	%
Algarve	10	91%

Categoria	N.º	%
Outras regiões do país	1	9%
Estrangeiro	–	0%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 20 - Região de origem / país

Categoria	N.º	%
Alentejo (Portugal)	2	18%
Algarve (Portugal)	6	55%
Não responde	3	27%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 21 - Idade atual

Categoria	N.º	%
Menos de 30 anos	–	0%
30-39	1	9%
40-49	5	45%
50-59	5	45%
60 anos ou mais	–	0%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 22 - Nível de escolaridade

Categoria	N.º	%
Ensino básico	2	18%
Ensino secundário	4	36%
Ensino profissional	1	9%
Ensino superior	3	27%
Pós-graduação / Mestrado / Doutoramento	1	9%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 23 - Formação específica na fileira

Categoria	N.º	%
Sim (formal)	3	27%
Sim (informal / experiência prática)	7	64%
Não	1	9%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 24 - Situação profissional/pessoal antes da criação da empresa

Categoria	N.º	%
Trabalhador por conta de outrem	6	55%
Empresário	4	36%
Desempregado	–	0%
Estudante	–	0%
Outra	1	9%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 25 - Existência de tradição familiar na atividade

Categoria	N.º	%
Sim	9	82%
Não	2	18%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

7.4 · Secção D - Evolução da Atividade

Quadro 26 - Momento atual da empresa

Categoria	N.º	%
Iniciação	1	9%
Consolidação	4	36%
Expansão	2	18%
Declínio / Transmissão	3	27%
Não sabe / Não responde	1	9%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 27 - Evolução da atividade nos últimos 5 anos

Categoria	N.º	%
Crescimento	2	18%
Estável	5	45%
Decrescimento / Instável	4	36%
Não sabe / Não responde	–	0%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 28 - Expectativa de evolução da atividade para os próximos 3 anos

Categoria	N.º	%
Crescer	4	36%
Manter	6	55%
Reduzir	1	9%
Encerrar atividade	–	0%
Não sabe / Não responde	–	0%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 29 - Existência de estratégia e plano de sucessão para a empresa

Categoria	N.º	%
Sim	2	18%
Não	7	64%
Não é aplicável	1	9%
Não sabe / Não responde	1	9%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 30 - Fatores mais importantes para garantir a sobrevivência futura das empresas da fileira

Categoria	N.º	%
Diferenciação do produto (inovação / valor acrescentado)	2	7%
Acesso a mercados	8	28%

Categoria	N.º	%
Cooperação entre empresas	2	7%
Inovação tecnológica	1	3%
Acesso a mão-de-obra	2	7%
Qualificação da gestão	1	3%
Renovação geracional	2	7%
Apoio público adequado	7	24%
Estabilidade regulatória	3	10%
Outra	1	3%
Total de respostas: 29		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 31 - Contributo da localização no Algarve para a competitividade da empresa

Categoria	N.º	%
1 - Negativo	–	0%
2	–	0%
3	7	64%
4	2	18%
5 - Muito positivo	2	18%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 32 - Perceção sobre a dinâmica da fileira na região do Algarve

Categoria	N.º	%
Criado mais empresas do que as que encerram	–	0%
Mantido um equilíbrio	4	36%
Encerrado mais empresas do que as que cria	4	36%
Não sabe / Não responde	3	27%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 33 - Principais causas do encerramento de empresas na fileira

Categoria	N.º	%
Falta de mão-de-obra	3	13%
Dificuldades financeiras	6	26%
Falta de sucessão	4	17%
Restrições legais / excesso de burocracia	5	22%
Falta de escala	1	4%
Dependência de poucos clientes	3	13%
Não sabe / Não responde	1	4%
Total de respostas: 23		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

7.5 · Secção E - Inovação, I&I e Tendências

Quadro 34 - Introduziu alguma inovação nos últimos 5 anos

Categoria	N.º	%
Sim	6	55%
Não	5	45%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 35 - Tipo de inovação introduzida

Categoria	N.º	%
Produto / Serviço	3	21%
Processo produtivo / tecnologia	2	14%
Comercialização / Marketing / Mercados	–	0%
Organização / Gestão / Equipas	1	7%
Transição digital	1	7%
Sustentabilidade (ambiental, social, económica)	1	7%
Não sabe / Não responde	6	43%
Total de respostas: 14		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 36 - Colaboração com entidades de I&I (mesmo que informalmente)

Categoria	N.º	%
Universidades	–	0%
Centros de Investigação	1	8%
Associações / Cooperativas	6	50%
Incubadoras	–	0%
Startups / Empresas tecnológicas	–	0%
Outras entidades	1	8%
Nunca colaborou	1	8%
Não sabe / Não responde	3	25%
Total de respostas: 12		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 37 - Grau de interesse em participar em projetos de I&D aplicada

Categoria	N.º	%
1 - Nenhum	1	9%
2	1	9%
3	6	55%
4	–	0%
5 - Muito elevado	3	27%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Quadro 38 - Tendências consideradas mais relevantes para a fileira

Categoria	N.º	%
Digitalização	–	0%

Categoria	N.º	%
Sustentabilidade ambiental	3	9%
Valorização de produtos locais	10	31%
Novos mercados / exportação	5	16%
Certificação / Qualidade	7	22%
Economia circular	1	3%
Turismo associado à fileira	5	16%
Não sabe / Não responde	1	3%
Total de respostas: 32		

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

7.6 · Secção F - Balanço e Recomendações

Quadro 39 - Empreenderia novamente nesta fileira se tivesse de recomeçar hoje

Categoria	N.º	%
Sim	5	45%
Não	2	18%
Talvez	4	36%

Fonte: Questionário Algarve Empreende 2026

Que conselho daria a novos empreendedores da sua fileira

“ Muita persistência. ”

“ Força. ”

“ Muita resiliência. ”

“ É preciso ser persistente e nunca baixar os braços. ”

“ Plantem árvores, comprem terrenos, criem gado... é o que dá dinheiro. As abelhas, se fizerem as contas, dão mais prejuízo que lucro. ”

“ Resiliência e trabalho. ”

“ A dificuldade que é ser apicultor. ”

“ Há muito futuro na atividade, temos é que ser mais profissionais e diversificar ao máximo a atividade... ”

“ Formação. ”

Que recomendações daria às entidades responsáveis pela sustentabilidade futura da fileira na região do Algarve

“ Se não ajudam, não atrapalhem. ”

“ União. ”

“ Estudarem a fileira e compreendê-la. ”

“ Haver mais ajudas financeiras da parte do Estado. ”

“ Zero. ”

“ Dificultar importações de produtos sem qualidade. ”

“ Apoios concertados e reais à produção. ”

“ Mais e melhor apoio institucional e organizacional, menos burocracia e menos encargos; o setor tem que ter acesso aos mesmos apoios dos outros setores. Controlar muito bem as importações de países terceiros, para retirar alguma da concorrência desleal que se verifica hoje... ”

Que recomendações daria às entidades responsáveis pela sustentabilidade futura da fileira na região do Algarve

“ Mais apoio financeiro. ”

Que palavra ou expressão melhor descreve o futuro da sua fileira

“ Pro ano é que é... ”

“ Qualidade. ”

“ Desafiador... ”

“ Trabalho e persistência. ”

“ Zero. ”

“ Incerteza. ”

“ Transformação e risco ambiental. ”

“ Desafiante... ”

“ Dificuldade. ”

7.7 · Síntese Interpretativa do Perfil do Empreendedor da Fileira da Apicultura do Algarve

A análise das respostas ao questionário confirma que a Fileira da Apicultura do Algarve é composta, sobretudo, por empreendedores de pequena escala, fortemente ligados ao território, à experiência prática e à continuidade da atividade em moldes individuais ou familiares.

O perfil dominante aponta para uma atividade muito dependente do próprio empreendedor, com reduzida estrutura empresarial, limitada capacidade de investimento e forte exposição a fatores externos, designadamente condições climáticas, sanidade das colónias, custos de produção e dificuldades de valorização comercial.

Apesar destas fragilidades, os respondentes revelam ligação efetiva à fileira, conhecimento prático acumulado e perceção clara do valor ambiental e territorial da apicultura. A inovação surge sobretudo de forma incremental, associada à melhoria do produto, do maneio, da comercialização ou da adaptação a novas exigências.

A sucessão empresarial, a organização coletiva e o acesso a mercados constituem dimensões críticas. A sustentabilidade futura da fileira dependerá menos da entrada isolada de novos operadores e mais da capacidade de consolidar os existentes, reforçando capacitação, cooperação, diferenciação, certificação, canais de venda e valorização da origem Algarve.

Em síntese, o perfil do empreendedor apícola revela uma fileira resiliente, mas vulnerável; enraizada no território, mas limitada em escala; com elevado valor ambiental, mas ainda insuficientemente valorizada do ponto de vista económico. A sua consolidação exigirá transformar conhecimento prático, identidade territorial e biodiversidade em maior valor comercial e sustentabilidade empresarial.

8 Trajetórias Empresariais

O presente capítulo analisa as trajetórias empresariais da Fileira da Apicultura do Algarve, articulando os dados estatísticos disponíveis, a dinâmica empresarial da fileira e os resultados do questionário aos empreendedores.

O objetivo é compreender os fatores que explicam a criação, consolidação e cessação de empresas apícolas, identificando padrões recorrentes, fragilidades estruturais e condições que podem reforçar a sustentabilidade futura da atividade.

A análise não se limita à leitura das taxas de natalidade, sobrevivência e mortalidade. Procura interpretar essas dinâmicas à luz da estrutura produtiva, da pequena escala das explorações, da dependência ambiental, da organização empresarial, dos canais de comercialização e do perfil dos empreendedores.

Na Apicultura, as trajetórias empresariais são fortemente condicionadas por uma combinação de fatores económicos, ambientais e humanos. A criação de empresas é facilitada pela possibilidade de entrada em pequena escala, mas a sobrevivência depende da capacidade de gestão, adaptação ao risco, organização comercial e valorização diferenciada do produto.

8.1 · Porque Nascem Empresas na Fileira da Apicultura do Algarve

O nascimento de empresas na Fileira da Apicultura do Algarve resulta de uma combinação entre ligação ao território, tradição familiar, interesse pessoal pela atividade e perceção de oportunidade económica.

Ao contrário de fileiras que exigem elevados investimentos iniciais ou estruturas industriais complexas, a apicultura permite, em muitos casos, uma entrada gradual e em pequena escala. Esta característica facilita o início da atividade, sobretudo por parte de empreendedores individuais, produtores familiares ou operadores que desenvolvem a apicultura como atividade complementar.

A criação de empresas é também influenciada pela valorização crescente dos produtos locais, pela procura de atividades ligadas à natureza e pela perceção do mel como produto associado à qualidade, autenticidade e sustentabilidade.

Contudo, esta facilidade relativa de entrada pode gerar uma fragilidade posterior. Iniciar a atividade não significa necessariamente consolidar uma empresa sustentável. A diferença entre começar e permanecer no mercado depende da escala, do conhecimento técnico, da sanidade das colónias, da capacidade de comercialização e da resistência a anos produtivos adversos.

Assim, o nascimento de empresas na apicultura algarvia é favorecido por barreiras iniciais moderadas, mas condicionado, desde cedo, pela necessidade de transformar uma atividade de base produtiva e territorial num modelo empresarial viável.

8.2 · Porque Sobrevivem as Empresas Apícolas

A sobrevivência das empresas apícolas depende da capacidade de combinar conhecimento prático, adaptação ambiental, gestão eficiente e valorização comercial.

As empresas que tendem a consolidar-se são aquelas que conseguem ultrapassar a lógica de produção isolada e estruturar melhor a sua presença na cadeia de valor. Isto pode passar por melhorar o manejo, reforçar a sanidade das colónias, investir em equipamentos, diferenciar o produto, criar marca, desenvolver venda direta qualificada ou integrar redes associativas e canais comerciais mais estáveis.

A pequena escala não impede necessariamente a sobrevivência, mas exige maior capacidade de organização. Em muitos casos, a viabilidade da atividade depende da articulação entre produção, comercialização direta, diversificação de produtos e ligação ao território.

A sobrevivência é também reforçada quando o empreendedor dispõe de experiência prática, formação específica, capacidade de adaptação e visão estratégica sobre o mercado. O perfil do empreendedor é, por isso, determinante: conhecimento técnico, persistência, gestão de risco e capacidade de inovação incremental fazem diferença na continuidade da atividade.

No caso da Apicultura do Algarve, a sobrevivência empresarial está particularmente associada a quatro fatores:

- domínio técnico do manejo e da sanidade apícola;
- capacidade de adaptação a condições climáticas e ambientais variáveis;
- valorização comercial do mel e dos produtos apícolas;
- integração em redes de apoio, cooperação ou canais de venda mais estruturados.

Em síntese, sobrevivem melhor as empresas que conseguem transformar conhecimento prático e ligação ao território em organização, diferenciação e rendimento estável.

8.3 · Porque Encerram Empresas na Fileira da Apicultura

A cessação de atividade na Fileira da Apicultura resulta, em grande medida, da acumulação de fragilidades produtivas, económicas e comerciais.

A pequena escala média das explorações limita a capacidade de absorver choques produtivos. Um ano de seca, floradas reduzidas, mortalidade de colónias ou aumento de custos pode comprometer a viabilidade económica de empresas com baixa capitalização e reduzida margem financeira.

A dependência ambiental é um fator particularmente relevante. A apicultura está diretamente exposta à variabilidade climática, à disponibilidade de flora melífera, aos incêndios, à degradação de habitats e aos riscos sanitários das colónias. Estes fatores podem afetar a produção de forma abrupta e reduzir a previsibilidade dos rendimentos.

A dimensão comercial também pesa no encerramento das empresas. Produtores que vendem sem diferenciação, com fraca marca, pouca capacidade de negociação ou dependência de canais de baixo valor acrescentado ficam mais expostos à pressão sobre preços e à instabilidade de rendimento.

Outro fator crítico é a sucessão. Em atividades fortemente assentes no trabalho do próprio empreendedor e no conhecimento prático acumulado, a ausência de continuidade familiar ou empresarial pode conduzir ao encerramento da atividade, mesmo quando existe património produtivo e saber-fazer.

Assim, a mortalidade empresarial na apicultura não deve ser interpretada apenas como insucesso individual. Reflete também fragilidades estruturais da fileira: pequena escala, baixa organização coletiva, dependência climática, reduzido investimento, limitada valorização comercial e dificuldades de renovação geracional.

8.4 · Fatores Diferenciadores das Trajetórias Empresariais

As trajetórias empresariais na Apicultura do Algarve não são homogêneas. A diferença entre empresas que resistem e empresas que encerram depende de um conjunto de fatores diferenciadores.

O primeiro fator é a escala e organização da exploração. Explorações muito pequenas e pouco organizadas têm menor capacidade de absorver riscos, enquanto unidades mais estruturadas tendem a apresentar maior resiliência.

O segundo fator é a qualificação técnica e gestão sanitária. A sanidade das colónias, o controlo de doenças, o planeamento dos apiários e a adaptação às condições climáticas são determinantes para assegurar continuidade produtiva.

O terceiro fator é a capacidade comercial. A venda direta, a marca própria, a diferenciação pela origem, a certificação, os canais especializados e a relação com consumidores ou clientes institucionais podem aumentar a margem e reduzir vulnerabilidade.

O quarto fator é a cooperação. Produtores integrados em redes associativas, projetos coletivos ou mecanismos de apoio técnico tendem a dispor de melhor acesso a informação, formação, equipamentos, apoios e oportunidades de mercado.

O quinto fator é a visão estratégica do empreendedor. A capacidade de inovar, diversificar, adaptar-se e procurar novos canais de valorização é decisiva para transformar a apicultura numa atividade economicamente sustentável.

Estes fatores mostram que a sobrevivência não depende apenas da qualidade do produto ou das condições naturais. Depende da capacidade de gestão, organização e posicionamento da empresa na cadeia de valor.

8.5 · Leitura Integrada: Nascimento, Sobrevivência e Mortalidade

A leitura integrada das trajetórias empresariais permite identificar uma conclusão central: a Apicultura do Algarve apresenta vitalidade de entrada, mas enfrenta fragilidade de consolidação.

A entrada na atividade é relativamente acessível, sobretudo pela possibilidade de começar em pequena escala e pelo apelo territorial, ambiental e familiar da fileira. Esta característica ajuda a explicar o aparecimento regular de novos operadores.

Contudo, a consolidação empresarial é mais exigente. A sobrevivência depende de fatores que vão além da motivação inicial: escala mínima, conhecimento técnico, capacidade financeira, sanidade apícola, gestão de risco, comercialização e valorização do produto.

A mortalidade empresarial surge quando estes fatores não se articulam de forma suficiente. Empresas demasiado pequenas, pouco capitalizadas, sem canais de venda estáveis, sem diferenciação comercial e muito expostas a riscos ambientais apresentam maior vulnerabilidade.

Neste sentido, a prioridade estratégica da fileira não deve ser apenas estimular novas entradas. Deve ser, sobretudo, criar condições para que os projetos existentes se consolidem, ganhem valor, resistam ao risco e assegurem continuidade.

A trajetória desejável para a fileira passa por transformar microatividades dispersas em iniciativas mais organizadas, valorizadas e sustentáveis.

8.6 · Síntese Interpretativa

As trajetórias empresariais da Fileira da Apicultura do Algarve revelam uma fileira com forte ligação ao território, elevada importância ambiental e capacidade de atração de novos operadores, mas marcada por fragilidades estruturais na consolidação empresarial.

As empresas nascem pela ligação à tradição, ao território, à natureza e pela possibilidade de iniciar a atividade em pequena escala. Sobrevivem quando conseguem combinar conhecimento prático, adaptação ao risco, organização produtiva e valorização comercial. Encerram quando a pequena

escala, a exposição climática, os problemas sanitários, a fraca capitalização, a ausência de sucessão e a dificuldade de acesso a mercados tornam a atividade economicamente insustentável.

A principal mensagem é clara: a Apicultura do Algarve não precisa apenas de mais empresas; precisa de empresas mais resilientes, mais organizadas, mais qualificadas e mais capazes de transformar valor ambiental e territorial em rendimento económico.

O futuro da fileira dependerá da capacidade de reforçar capacitação, cooperação, sanidade apícola, diferenciação, canais de comercialização, sucessão empresarial e valorização da origem Algarve.

9 Análise SWOT da Fileira da Apicultura no Algarve

A análise SWOT da Fileira da Apicultura no Algarve sistematiza os principais fatores internos e externos que condicionam a sua competitividade, sustentabilidade e capacidade de valorização económica.

A fileira apresenta uma relevância territorial, ambiental e produtiva superior ao seu peso económico direto. A produção de mel e outros produtos apícolas está associada à biodiversidade mediterrânica, à polinização, à sustentabilidade dos ecossistemas agrícolas e naturais e à valorização dos recursos endógenos regionais.

Contudo, a fileira é marcada por forte atomização empresarial, pequena escala média, reduzida organização coletiva, dependência climática e sanitária e limitada capacidade de retenção de valor. A análise SWOT procura, por isso, identificar os fatores que devem orientar a consolidação futura da atividade.

Forças

- Forte ligação ao território, à biodiversidade mediterrânica e aos recursos naturais do Algarve.
- Papel relevante na polinização, na preservação da biodiversidade e na sustentabilidade dos ecossistemas.
- Existência de conhecimento prático acumulado e tradição produtiva em vários territórios.
- Potencial de diferenciação dos méis do Algarve pela origem, flora, autenticidade e qualidade.
- Atividade compatível com modelos de produção sustentável, circuitos curtos e valorização de produtos locais.
- Presença territorial relevante em concelhos com tradição e condições naturais favoráveis.
- Possibilidade de articulação com turismo de natureza, educação ambiental, gastronomia e produtos endógenos.

Fraquezas

- Estrutura empresarial muito atomizada, dominada por empresários individuais e microexplorações.
- Pequena escala média, com limitada capacidade de investimento, profissionalização e expansão.
- Fraca organização coletiva e reduzida integração comercial entre produtores.
- Baixa capacidade de valorização comercial, sobretudo quando o produto é vendido sem marca, certificação ou diferenciação.
- Forte dependência das condições climáticas, floradas, sanidade das colónias e qualidade dos habitats.
- Reduzida incorporação de emprego formal e elevada dependência do próprio empreendedor.
- Fragilidade na sucessão empresarial e na renovação geracional.

Oportunidades

- Crescente valorização dos produtos locais, autênticos, sustentáveis e associados à origem.
- Potencial de valorização do “mel do Algarve” através de diferenciação, marca, rastreabilidade e certificação.
- Desenvolvimento de canais de venda direta, circuitos curtos, lojas especializadas, restauração e turismo.
- Integração da apicultura em experiências de turismo de natureza, educação ambiental e gastronomia regional.

- Reconhecimento crescente da importância da polinização para a agricultura, biodiversidade e equilíbrio ecológico.
- Possibilidade de cooperação entre produtores para promoção, comercialização, equipamentos e acesso a apoios.
- Articulação com estratégias regionais de sustentabilidade, biodiversidade, produtos endógenos e turismo de natureza.

Ameaças

- Agravamento dos efeitos das alterações climáticas, seca, ondas de calor e irregularidade das floradas.
- Doenças das colónias, mortalidade apícola e aumento dos custos de manejo sanitário.
- Pressão concorrencial de méis importados ou comercializados a preços mais baixos.
- Persistência da venda indiferenciada ou a granel, com reduzida retenção de valor na origem.
- Abandono da atividade por falta de sucessão, envelhecimento dos produtores ou baixa rentabilidade.
- Fragmentação da fileira e dificuldade de mobilização coletiva dos produtores.
- Incêndios, degradação de habitats, pressão territorial e perda de flora melífera.

9.1 · Leitura Interpretativa da SWOT

A SWOT evidencia uma fileira com forte valor territorial e ambiental, mas com fragilidades económicas e organizacionais relevantes.

As principais forças da Apicultura do Algarve estão associadas à sua ligação ao território, à biodiversidade, à polinização e à autenticidade dos produtos apícolas. Estes fatores conferem à fileira uma identidade própria e permitem posicioná-la num espaço de valorização associado à sustentabilidade, aos produtos locais e à diferenciação pela origem.

As principais fraquezas resultam da estrutura empresarial da fileira. A predominância de empresários individuais, a pequena escala, a baixa organização coletiva e a limitada capacidade comercial condicionam a consolidação económica das empresas. A fileira dispõe de valor, mas nem sempre consegue transformá-lo em rendimento estável para os produtores.

As oportunidades decorrem da crescente procura por produtos locais, sustentáveis e com identidade territorial. A valorização do mel do Algarve, a ligação ao turismo de natureza, a educação ambiental, a gastronomia regional e os circuitos curtos podem reforçar a capacidade de diferenciação e retenção de valor.

As principais ameaças estão associadas à dependência climática e sanitária, à pressão concorrencial, à perda de habitats, à baixa rentabilidade e à dificuldade de sucessão. Estes fatores podem comprometer a continuidade da atividade, sobretudo nas explorações de menor escala e menor capacidade de adaptação.

9.2 · Implicações Estratégicas

A análise SWOT permite retirar três implicações estratégicas principais.

Em primeiro lugar, a fileira deve deixar de ser vista apenas como uma atividade produtiva de pequena escala. A apicultura deve ser reconhecida como uma fileira territorial e ambiental, com impacto na biodiversidade, na agricultura, na sustentabilidade e na valorização dos produtos endógenos.

Em segundo lugar, a competitividade futura da fileira dependerá da capacidade de reforçar organização coletiva, diferenciação comercial, marca, certificação, rastreabilidade e acesso a canais de maior valor acrescentado.

Em terceiro lugar, a sustentabilidade da atividade exige maior resiliência produtiva e empresarial, nomeadamente através de melhor sanidade apícola, adaptação climática, capacitação dos produtores, investimento produtivo, sucessão empresarial e cooperação.

9.3 · Síntese da Análise SWOT

A Fileira da Apicultura do Algarve apresenta uma combinação clara de potencial e vulnerabilidade.

O potencial resulta da ligação ao território, da qualidade dos produtos apícolas, da biodiversidade mediterrânica, da função de polinização e da articulação possível com sustentabilidade, turismo de natureza e produtos locais.

A vulnerabilidade resulta da pequena escala, da atomização empresarial, da fraca organização coletiva, da dependência ambiental e sanitária, da reduzida retenção de valor e da dificuldade de sucessão.

A principal conclusão é clara: a Apicultura do Algarve tem condições para se afirmar como fileira de valor territorial, ambiental e económico, mas a sua consolidação dependerá da capacidade de transformar pequena escala em cooperação, biodiversidade em diferenciação e produção local em valor comercial sustentável.

10 Conclusões e Recomendações Estratégicas

A análise desenvolvida ao longo do relatório confirma que a Fileira da Apicultura do Algarve apresenta uma relevância territorial, ambiental e produtiva superior ao seu peso económico direto.

Trata-se de uma fileira de pequena escala, fortemente assente em empresários individuais, microexplorações e conhecimento prático acumulado. Em 2024, a fileira contava com 196 empresas, das quais 191 eram empresas individuais e apenas 5 sociedades, evidenciando uma estrutura empresarial muito atomizada e pouco societária.

Apesar desta reduzida escala, a apicultura desempenha funções estratégicas para o Algarve: produção de mel e outros produtos apícolas, polinização, preservação da biodiversidade mediterrânica, valorização de recursos locais e reforço da sustentabilidade dos ecossistemas agrícolas e naturais.

A principal conclusão é clara: a Apicultura do Algarve não deve ser avaliada apenas pelo seu volume económico direto, mas pelo seu valor económico, territorial, ambiental e identitário.

10.1 · Conclusões Estratégicas

Uma fileira pequena, mas territorialmente relevante

A Apicultura do Algarve apresenta uma dimensão empresarial reduzida, mas uma presença territorial significativa. A atividade está distribuída por vários concelhos, com maior expressão em territórios como Loulé, Silves e Tavira, refletindo a importância das condições naturais, da flora melífera e da tradição produtiva local.

A fileira contribui para a diversificação económica, para a valorização dos produtos endógenos e para a preservação de funções ecológicas essenciais. O seu valor ultrapassa, por isso, a leitura estritamente estatística.

Forte atomização empresarial e baixa escala média

A predominância de empresários individuais e microexplorações constitui uma das principais marcas da fileira. Esta estrutura favorece a proximidade ao território e a autenticidade da produção, mas limita a capacidade de investimento, profissionalização, acesso a mercados, sucessão empresarial e valorização comercial.

A sustentabilidade futura da fileira dependerá da capacidade de transformar pequena escala em cooperação, organização e diferenciação.

Elevada dependência ambiental e sanitária

A apicultura é particularmente sensível à seca, irregularidade das floradas, ondas de calor, incêndios, degradação dos habitats e doenças das colónias. Estes fatores condicionam diretamente a produtividade, a estabilidade dos rendimentos e a capacidade de permanência das empresas no mercado.

A resiliência da fileira exige melhor gestão sanitária, adaptação climática, acompanhamento técnico e proteção dos recursos naturais que sustentam a atividade.

Fragilidade na retenção de valor

A fileira enfrenta dificuldades em transformar qualidade, origem e função ambiental em rendimento económico estável. A venda indiferenciada, a reduzida presença de marca, a fraca integração comercial e a limitada certificação condicionam a captura de valor pelos produtores.

O desafio central não é apenas produzir mais. É valorizar melhor, comunicar melhor e aceder a canais que reconheçam a origem, a qualidade e a sustentabilidade dos produtos apícolas do Algarve.

Potencial de diferenciação ainda insuficientemente explorado

O mel e os produtos apícolas do Algarve podem beneficiar de atributos diferenciadores relevantes: biodiversidade mediterrânica, autenticidade territorial, ligação à paisagem rural, sustentabilidade, produtos locais e turismo de natureza.

Contudo, este potencial só produzirá impacto económico se for acompanhado por organização da oferta, marca, rastreabilidade, qualidade, certificação e comunicação clara ao consumidor.

Sucessão e renovação geracional como fatores críticos

A forte dependência do próprio empreendedor e da experiência prática torna a sucessão empresarial particularmente importante. A ausência de renovação geracional pode conduzir ao abandono da atividade, perda de saberes produtivos e enfraquecimento da base territorial da fileira.

A continuidade da apicultura exige atrair novos produtores, apoiar a transmissão de conhecimento e criar condições económicas que tornem a atividade mais apelativa e sustentável.

10.2 · Recomendações Estratégicas

Reforçar a organização coletiva da fileira

A pequena escala média dos produtores torna indispensável reforçar mecanismos de cooperação.

Recomenda-se promover redes de produtores, ações conjuntas de comercialização, partilha de equipamentos, acesso conjunto a apoio técnico, compras agrupadas e iniciativas coletivas de promoção.

A cooperação deve ser simples, prática e orientada para resultados concretos: reduzir custos, aumentar escala comercial, melhorar qualidade e reforçar poder negocial.

Valorizar comercialmente o mel e os produtos apícolas do Algarve

A fileira deve apostar numa estratégia clara de valorização baseada em origem, qualidade, autenticidade, biodiversidade e sustentabilidade.

Recomenda-se reforçar marca, embalagem, comunicação, rastreabilidade, certificação e diferenciação territorial. O objetivo deve ser posicionar os produtos apícolas do Algarve em segmentos de maior valor acrescentado, evitando competição centrada apenas no preço.

Melhorar a capacitação técnica e empresarial dos apicultores

A sustentabilidade da fileira depende da combinação entre conhecimento prático e competências empresariais.

Recomenda-se promover formação aplicada em sanidade apícola, manejo, adaptação climática, gestão de custos, comercialização, marketing, canais digitais, certificação, acesso a apoios e planeamento da atividade.

A capacitação deve ser curta, prática e adaptada à realidade dos pequenos produtores.

Reforçar a resiliência produtiva e sanitária

A exposição a riscos climáticos e sanitários exige uma resposta estruturada.

Recomenda-se reforçar acompanhamento técnico, prevenção sanitária, monitorização de colónias, boas práticas de manejo, adaptação dos apiários às condições ambientais e articulação com entidades competentes na área da sanidade apícola.

A resiliência produtiva é condição essencial para a sobrevivência empresarial.

Estruturar canais de comercialização de maior valor acrescentado

A venda direta é importante, mas deve ser qualificada e complementada por canais mais estruturados.

Recomenda-se reforçar presença em lojas de produtos locais, restauração, hotelaria, mercados especializados, plataformas digitais, turismo de natureza, experiências territoriais e circuitos curtos organizados.

A fileira deve aproximar-se de canais que valorizem origem, autenticidade e sustentabilidade.

Valorizar a função ambiental da apicultura

A polinização e o contributo para a biodiversidade devem ser integrados na narrativa económica da fileira.

Recomenda-se promover o reconhecimento da apicultura enquanto atividade com valor ecológico, agrícola e territorial, explorando formas de valorização dos serviços de polinização, educação ambiental e articulação com estratégias regionais de sustentabilidade.

A apicultura deve ser comunicada não apenas como produção de mel, mas como atividade essencial para os ecossistemas.

Apoiar a sucessão e a entrada qualificada de novos produtores

A renovação geracional é decisiva para a continuidade da fileira.

Recomenda-se apoiar processos de transmissão de conhecimento, mentoria entre apicultores experientes e novos produtores, formação inicial, integração em redes associativas e acesso a instrumentos de apoio ao investimento.

A entrada de novos operadores deve ser acompanhada por capacitação e orientação empresarial, evitando projetos frágeis e pouco sustentáveis.

Articular a apicultura com turismo de natureza, gastronomia e produtos endógenos

A Apicultura do Algarve pode beneficiar da ligação ao turismo, desde que esta seja realista e ajustada à escala dos produtores.

Recomenda-se desenvolver iniciativas de valorização territorial, como provas de mel, visitas interpretativas, educação ambiental, presença em rotas de produtos locais, integração em experiências de turismo rural e articulação com gastronomia regional.

Nem todos os produtores terão perfil para atividades turísticas, mas a fileira pode beneficiar de estratégias coletivas de promoção associadas ao território.

10.3 · Eixos de Desenvolvimento da Fileira da Apicultura do Algarve

Os eixos de desenvolvimento apresentados no presente capítulo resultam da análise integrada desenvolvida ao longo do relatório da Fileira da Apicultura do Algarve, procurando identificar possíveis linhas de reflexão e intervenção estratégica para reforçar a sustentabilidade, a valorização económica e a resiliência da atividade apícola regional.

A sua formulação articula os principais resultados do diagnóstico territorial, económico, empresarial e ambiental da fileira, bem como as conclusões relativas à dinâmica empresarial, ao perfil dos empreendedores, à cadeia de valor e às tendências emergentes associadas à sustentabilidade, inovação, valorização dos produtos locais e integração territorial.

Importa sublinhar que os presentes eixos não constituem programas operacionais fechados, orientações vinculativas ou propostas em execução, nem pretendem substituir, condicionar ou sobrepor-se a iniciativas públicas, privadas, associativas ou institucionais existentes ou que venham a ser desenvolvidas. Devem ser entendidos como contributos técnicos e prospetivos para a reflexão estratégica coletiva, suscetíveis de aprofundamento, adaptação e articulação pelos agentes e entidades competentes.

O objetivo é identificar domínios de intervenção com potencial para qualificar a fileira, melhorar a sua organização, reforçar a valorização comercial dos produtos apícolas e aumentar a sua contribuição para o desenvolvimento económico, ambiental e territorial do Algarve.

Eixo 1 - Valorização Territorial do Mel e dos Produtos Apícolas do Algarve

Descrição. A Apicultura do Algarve apresenta forte ligação ao território, à biodiversidade mediterrânica e aos recursos naturais regionais. Contudo, essa ligação ainda não se traduz plenamente em valorização económica, notoriedade comercial ou diferenciação clara junto do consumidor. A valorização territorial do mel e dos produtos apícolas constitui uma prioridade estratégica para reforçar a retenção de valor na origem e posicionar a fileira em segmentos associados à qualidade, autenticidade e sustentabilidade.

Linhas de intervenção:

- Reforçar a comunicação da origem Algarve associada ao mel e aos produtos apícolas.
- Valorizar atributos como biodiversidade mediterrânica, flora local, autenticidade, sustentabilidade e ligação à paisagem rural.
- Apoiar estratégias de marca, embalagem, rastreabilidade e diferenciação comercial.
- Promover narrativas territoriais associadas ao papel da apicultura na biodiversidade e nos ecossistemas.
- Estimular a presença dos produtos apícolas em lojas de produtos locais, restauração, hotelaria, mercados especializados e canais turísticos.

Objetivo Reforçar o posicionamento do mel e dos produtos apícolas do Algarve como produtos diferenciados, associados à origem, qualidade, sustentabilidade e identidade territorial.

Eixo 2 - Cooperação, Organização Coletiva e Eficiência da Fileira

Descrição. A fileira é marcada por forte atomização empresarial, predominância de microexplorações e reduzida escala média. Esta estrutura limita a capacidade de investimento, o poder negocial, a organização comercial e a resiliência económica dos produtores. A cooperação entre apicultores pode contribuir para reduzir custos, criar escala funcional e reforçar a capacidade de resposta da fileira.

Linhas de intervenção:

- Promover redes de cooperação entre produtores, associações e entidades de apoio.
- Incentivar a partilha de equipamentos e infraestruturas, nomeadamente extração, acondicionamento, armazenamento e controlo de qualidade.
- Estimular compras conjuntas de fatores de produção e serviços especializados.
- Apoiar iniciativas coletivas de promoção, comercialização e presença em mercados.

- Reforçar a articulação entre produtores, associações apícolas, entidades públicas e estruturas de conhecimento.

Objetivo. Reduzir os efeitos negativos da microescala, aumentar a eficiência coletiva e melhorar a capacidade de organização, negociação e valorização da fileira.

Eixo 3 - Resiliência Climática, Sanidade Apícola e Sustentabilidade Ambiental

Descrição. A apicultura é fortemente condicionada pelas condições climáticas, pela disponibilidade de flora melífera, pela qualidade dos habitats e pela sanidade das colónias. A seca, as ondas de calor, os incêndios, a degradação dos ecossistemas e as doenças apícolas constituem riscos estruturais para a fileira. O reforço da resiliência produtiva e ambiental é essencial para garantir a continuidade da atividade no médio e longo prazo.

Linhas de intervenção:

- Promover boas práticas de manejo adaptadas às condições climáticas do Algarve.
- Reforçar a prevenção, monitorização e controlo sanitário das colónias.
- Apoiar ações de formação técnica em sanidade apícola, gestão de apiários e adaptação climática.
- Estimular práticas de conservação de flora melífera e habitats favoráveis à atividade.
- Articular a apicultura com estratégias regionais de biodiversidade, sustentabilidade e adaptação às alterações climáticas.
- Avaliar instrumentos de gestão do risco, incluindo seguros, monitorização e mecanismos de prevenção.

Objetivo. Aumentar a capacidade de adaptação da fileira a riscos climáticos, sanitários e ambientais, reforçando a estabilidade produtiva e a sustentabilidade da atividade.

Eixo 4 - Capacitação Empresarial, Comercialização e Digitalização

Descrição. Muitos apicultores dominam a dimensão técnica e prática da atividade, mas enfrentam dificuldades nas áreas da gestão, comercialização, comunicação, planeamento financeiro, acesso a apoios e utilização de ferramentas digitais. A profissionalização empresarial é decisiva para transformar conhecimento prático e qualidade produtiva em rendimento sustentável.

Linhas de intervenção:

- Promover formação prática em gestão, custos, preços, margens e planeamento financeiro.
- Reforçar competências em marketing, comunicação, venda direta e canais digitais.
- Apoiar a estruturação de marcas, embalagens, catálogos e presença online.
- Capacitar os produtores para acesso a apoios, candidaturas e instrumentos de financiamento.
- Estimular a utilização de plataformas digitais, redes sociais e canais de venda direta.
- Desenvolver modelos simples de apoio à gestão adaptados a microprodutores.

Objetivo. Aumentar a capacidade de gestão, comercialização e comunicação dos produtores, contribuindo para maior profissionalização, autonomia e valorização económica da atividade.

Eixo 5 - Diversificação de Produtos, Serviços e Experiências Associadas à Apicultura

Descrição. A sustentabilidade económica da fileira não deve depender exclusivamente da produção de mel. A diversificação de produtos, serviços e experiências pode contribuir para aumentar rendimento, reduzir risco e reforçar a ligação da fileira ao território. Os produtos apícolas, os serviços de polinização, a educação ambiental, o turismo de natureza e a gastronomia regional representam oportunidades complementares de valorização.

Linhas de intervenção:

- Incentivar a valorização de produtos como pólen, própolis, cera, geleia real e derivados.
- Apoiar o desenvolvimento de produtos transformados ou combinados com outras fileiras endógenas.
- Explorar modelos de valorização dos serviços de polinização.
- Promover experiências de educação ambiental e sensibilização para a biodiversidade.
- Articular a apicultura com turismo de natureza, turismo rural, gastronomia e produtos locais.
- Estimular iniciativas-piloto de visitação, provas de mel, percursos interpretativos e eventos territoriais.

Objetivo. Diversificar fontes de rendimento, reforçar a ligação da apicultura ao território e ampliar o reconhecimento económico, ambiental e cultural da fileira.

Eixo 6 - Sucessão, Renovação Geracional e Entrada Qualificada na Fileira

Descrição. A continuidade da apicultura depende da capacidade de atrair, formar e acompanhar novos produtores, bem como de assegurar a transmissão de conhecimento entre gerações. A forte dependência da experiência prática e do próprio empreendedor torna a sucessão empresarial uma questão crítica para a sustentabilidade da fileira.

Linhas de intervenção:

- Promover ações de sensibilização para a sucessão e continuidade da atividade.
- Criar mecanismos de mentoria entre apicultores experientes e novos produtores.
- Apoiar formação inicial para entrada qualificada na apicultura.
- Articular a fileira com escolas profissionais, entidades de formação e centros de conhecimento.
- Facilitar o acesso de novos produtores a informação técnica, apoio associativo e instrumentos de investimento.
- Valorizar exemplos de jovens empreendedores e projetos inovadores na apicultura.

Objetivo. Reforçar a renovação geracional, preservar conhecimento prático e criar condições para uma entrada mais qualificada, estruturada e sustentável na atividade.

Nota final de enquadramento e originalidade

As sugestões apresentadas apontam para uma estratégia de desenvolvimento da Fileira da Apicultura do Algarve assente em seis prioridades:

1. valorização territorial do mel e dos produtos apícolas;
2. cooperação, organização coletiva e eficiência da fileira;
3. resiliência climática, sanidade apícola e sustentabilidade ambiental;
4. capacitação empresarial, comercialização e digitalização;
5. diversificação de produtos, serviços e experiências;
6. sucessão, renovação geracional e entrada qualificada na fileira.

Em conjunto, estes eixos procuram responder aos principais desafios identificados no relatório: pequena escala, atomização empresarial, dependência ambiental e sanitária, fraca retenção de valor, reduzida organização coletiva, fragilidade comercial e necessidade de renovação empresarial.

A mensagem central é simples: o desenvolvimento da Apicultura do Algarve dependerá da capacidade de transformar biodiversidade em diferenciação, pequena escala em cooperação, conhecimento prático em qualificação empresarial e produção local em valor económico sustentável.

10.4 · Conclusões Finais

A Fileira da Apicultura do Algarve apresenta uma reduzida dimensão económica direta, mas assume uma relevância territorial, ambiental, produtiva e identitária muito superior ao seu peso estatístico.

A atividade contribui para a produção de mel e de outros produtos apícolas, mas desempenha igualmente funções essenciais na polinização, na preservação da biodiversidade mediterrânica, na sustentabilidade dos ecossistemas agrícolas e naturais e na valorização dos territórios rurais do Algarve.

A análise desenvolvida evidencia uma fileira marcada pela predominância de empresários individuais e microexplorações, reduzida escala económica, forte dependência das condições climáticas e sanitárias, limitada organização coletiva e dificuldades de valorização comercial. A combinação entre entrada regular de novos operadores, menor sobrevivência empresarial e mortalidade superior à média nacional confirma que o principal desafio não reside apenas na criação de empresas, mas sobretudo na sua consolidação e capacidade de gerar rendimento estável.

Apesar destas fragilidades, a fileira dispõe de ativos diferenciadores relevantes: conhecimento prático acumulado, qualidade potencial dos méis, diversidade da flora mediterrânica, ligação ao território, autenticidade da produção e contributo direto para a sustentabilidade ambiental.

O desenvolvimento futuro da Apicultura do Algarve dependerá da capacidade de transformar estes ativos em maior valor económico, através da cooperação entre produtores, da qualificação técnica e empresarial, do reforço da sanidade apícola, da diferenciação dos produtos, da melhoria dos canais comerciais, da diversificação de rendimentos e do reconhecimento económico da função de polinização.

A articulação com os produtos locais, a gastronomia, o turismo de natureza, a educação ambiental e as experiências territoriais poderá contribuir para ampliar a notoriedade da fileira e reforçar a retenção de valor na região, desde que desenvolvida de forma realista, organizada e ajustada à capacidade dos produtores.

Os eixos de desenvolvimento apresentados assumem natureza indicativa e prospetiva. Não constituem programas fechados nem pretendem substituir, condicionar ou duplicar iniciativas públicas, privadas, associativas ou institucionais existentes ou futuras. Procuram apenas sistematizar possíveis linhas de reflexão e cooperação coerentes com o diagnóstico realizado.

Em conclusão, a Apicultura do Algarve não deve competir pelo volume, mas pela origem, qualidade, autenticidade, sustentabilidade e confiança. O desafio central consiste em transformar uma atividade dispersa, economicamente frágil e ambientalmente indispensável numa fileira mais organizada, valorizada e resiliente, capaz de gerar rendimento para os produtores e valor duradouro para o território algarvio.

11 Fontes Estatísticas e Bibliográficas

11.1 · Fontes estatísticas oficiais

- Instituto Nacional de Estatística (INE) - Estatísticas das Empresas e Agricultura, 2015-2024; séries municipais e regionais relativas ao setor primário.
- Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) - Relatórios de sanidade apícola, registos de colónias e explorações, 2019-2024.
- ICNF - Dados sobre flora melífera, biodiversidade e áreas protegidas.
- IPMA - Indicadores climatológicos e séries de seca, 2015-2024.
- IFAP / PDR2020 - Apoios à apicultura e medidas agroambientais.
- PORTATA - Indicadores territoriais, económicos e agrícolas.
- FAOSTAT - Estatísticas globais de produção, consumo e comércio de mel, 2015-2024.
- International Trade Centre (ITC / Trade Map) - Honey Export and Import Statistics, 2018-2024.
- Eurostat - Agricultural and Environmental Statistics, 2015-2024.
- Statista - Market Indicators for Honey and Natural Products, consultas 2024-2025.
- CCDR Algarve - Estratégia Regional e RIS3 Algarve 2030.

11.2 · Fontes Regionais e Institucionais

- Associações Apícolas do Algarve - Contributos técnicos e dados operacionais.
- NERA - Estudos setoriais e contributos no âmbito do Empreende Algarve 2026.
- Municípios do Algarve - Dados territoriais relevantes sobre áreas rurais e flora melífera.
- Universidade do Algarve - Estudos e contributos técnico-científicos relacionados com biodiversidade, agroecologia e sustentabilidade.
- Empreende Algarve 2026 - Entrevistas, contributos e perfis empresariais recolhidos no âmbito do projeto.

11.3 · Fontes bibliográficas e técnicas

- FAO (2019-2024) - Estudos sobre apicultura sustentável e serviços de ecossistema.
- IPBES (2019) - Global Assessment on Pollinators and Biodiversity.
- UNEP (2020-2023) - Relatórios sobre polinizadores e alterações climáticas.
- EFSA (2018-2024) - Estudos sobre sanidade apícola e riscos ambientais.
- Carreck, N. & Williams, I. (2022) - Honey Bee Health in Europe.
- Rutschmann, B. et al. (2021) - Climate Change Impacts on Mediterranean Beekeeping.
- Literatura científica relevante sobre varroa, flora melífera mediterrânica, IoT apícola e práticas de manejo sustentáveis.

11.4 · Recursos Digitais e de Mercado

- Observatório do Turismo de Portugal - Tendências de turismo experiencial e produtos endógenos (consultas 2023-2024).
- Portais e plataformas especializadas de produtos naturais e gourmet - Indicadores de mercado e padrões de consumo, 2023-2024.
- Bases de dados internacionais de biodiversidade (GBIF, EEA).

11.5 · Nota Metodológica Final

Os dados, quadros e interpretações incluídos neste relatório resultam da integração de fontes estatísticas oficiais (INE, DGAV, ICNF, FAOSTAT, ITC, Eurostat, Statista) com informação institucional da CCDR Algarve, NERA, associações apícolas e contributos qualitativos recolhidos no âmbito do projeto Empreende Algarve 2026.

As estimativas regionais foram produzidas com base em triangulação de fontes, assegurando coerência temporal, consistência metodológica e compatibilidade territorial.

A Anexo - Perfil Económico da Fileira

O presente perfil económico tem como objetivo caracterizar, de forma descritiva, a evolução dos principais indicadores económico-financeiros da fileira da Apicultura do Algarve, com base nos dados estatísticos disponibilizados pelo INE.

Para efeitos deste retrato económico, a análise incide sobre o:

- **CAE 01491 - Apicultura**

A análise da fileira em sentido alargado, incluindo atividades complementares a montante e a jusante da produção, é desenvolvida no corpo do relatório principal.

A.1 · Número de Empresas

Quadro 40 - Evolução do número de empresas - CAE 01491; Algarve e Portugal; 2019 a 2024

Unidade: número

Ano	Alg. Individual	Alg. Sociedade	Alg. Total	PT Individual	PT Sociedade	PT Total
2019	202	10	212	1 308	171	1 479
2020	202	8	210	1 287	170	1 457
2021	212	7	219	1 302	166	1 468
2022	188	4	192	1 265	157	1 422
2023	192	5	197	1 236	156	1 392
2024	191	5	196	1 309	162	1 471

Fonte: INE

Quadro 41 - Número de empresas por município - CAE 01491; Algarve; 2024

Unidade: número

Concelho	Total	Empresa Individual	Sociedade
Albufeira	7	7	0
Alcoutim	8	8	0
Aljezur	3	3	0
Castro Marim	1	1	0
Faro	14	14	0
Lagoa	1	1	0
Lagos	5	5	0
Loulé	45	43	2
Monchique	12	10	2
Olhão	5	5	0
Portimão	16	16	0
São Brás de Alportel	5	5	0
Silves	37	36	1
Tavira	32	32	0
Vila do Bispo	2	2	0
Vila Real de Santo António	3	3	0
Algarve	196	191	5

Fonte: INE

A fileira da apicultura no Algarve apresenta uma base empresarial reduzida e fortemente assente em empresas individuais. Entre 2019 e 2024, o número total de empresas passou de 212 para 196, evidenciando uma ligeira contração no período. Em 2024, das 196 empresas existentes, 191 eram empresas individuais e apenas 5 sociedades, o que confirma uma estrutura empresarial muito atomizada e pouco societária.

Em termos territoriais, a fileira revela forte concentração em poucos concelhos, com destaque para Loulé, Silves e Tavira, que, em conjunto, representam uma parte muito significativa das empresas apícolas do Algarve.

A.2 · Volume de Negócios

Quadro 42 - Volume de negócios das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: milhar €

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	3 232	3 298	nd	3 745	nd	nd	nd
Portugal	23 739	23 500	25 549	26 112	19 197	31 409	32%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

Os dados disponíveis para o Algarve mostram um volume de negócios de 3,2 milhões de euros em 2019, 3,3 milhões em 2020 e 3,7 milhões em 2022. Contudo, os valores de 2021, 2023 e 2024 não estão disponíveis, o que limita a leitura evolutiva da fileira ao nível regional.

Em Portugal, o volume de negócios da apicultura cresceu 32% entre 2019 e 2024, passando de 23,7 milhões para 31,4 milhões de euros, o que evidencia dinamismo nacional da atividade.

A.3 · Produção das Empresas

Quadro 43 - Produção das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: milhar €

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	3 076	3 184	nd	3 784	nd	nd	nd
Portugal	21 709	20 964	22 778	23 376	25 662	28 226	30%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

A produção das empresas apícolas do Algarve passou de 3,1 milhões de euros em 2019 para 3,8 milhões de euros em 2022, considerando apenas os anos com dados disponíveis. Tal como no volume de negócios, a ausência de dados para 2021, 2023 e 2024 limita a análise regional.

Em Portugal, a produção cresceu 30% entre 2019 e 2024, passando de 21,7 milhões para 28,2 milhões de euros, confirmando uma tendência nacional favorável.

A.4 · Valor Acrescentado Bruto

Quadro 44 - Valor Acrescentado Bruto das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: milhar €

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	1 245	1 184	nd	1 370	nd	nd	nd
Portugal	7 680	7 342	7 950	8 364	10 057	10 798	41%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

O VAB da apicultura no Algarve passou de 1,245 milhões de euros em 2019 para 1,370 milhões de euros em 2022, nos anos com informação disponível. A evolução é positiva, embora moderada.

Em Portugal, o VAB da fileira cresceu 41% entre 2019 e 2024, passando de 7,680 milhões para 10,798 milhões de euros.

A.5 · Pessoal ao Serviço

Quadro 45 - Pessoal ao serviço das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: número

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	223	221	nd	200	nd	nd	nd
Portugal	1 678	1 608	1 615	1 570	1 549	1 625	-3%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

O pessoal ao serviço na apicultura algarvia passou de 223 trabalhadores em 2019 para 200 trabalhadores em 2022, nos anos com dados disponíveis. Esta redução é coerente com a natureza muito individualizada da fileira e com a diminuição do número total de empresas observada no período.

Em Portugal, o pessoal ao serviço diminuiu ligeiramente entre 2019 e 2024, passando de 1 678 para 1 625 trabalhadores, uma variação de -3%.

A.6 · Gastos com Pessoal

Quadro 46 - Gastos com o pessoal ao serviço das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: milhar €

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	225	200	nd	195	nd	nd	nd
Portugal	3 318	3 203	3 317	3 492	3 889	4 142	25%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

Os gastos com pessoal no Algarve passaram de 225 mil euros em 2019 para 195 mil euros em 2022, nos anos com dados disponíveis.

Em Portugal, pelo contrário, os gastos com pessoal aumentaram 25% entre 2019 e 2024, passando de 3,318 milhões para 4,142 milhões de euros.

A.7 · Resultado Líquido do Exercício

Quadro 47 - Resultado líquido das empresas - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: milhar €

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	1 158	1 206	nd	1 231	nd	nd	nd
Portugal	4 428	4 323	4 946	4 852	5 414	7 602	72%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

O resultado líquido das empresas apícolas do Algarve manteve-se positivo nos anos disponíveis, passando de 1,158 milhões de euros em 2019 para 1,231 milhões de euros em 2022.

Em Portugal, o resultado líquido cresceu de forma muito expressiva, passando de 4,428 milhões de euros em 2019 para 7,602 milhões de euros em 2024, uma variação de 72%.

A.8 · Produtividade - VAB por Trabalhador

Quadro 48 - Produtividade das empresas (VAB por trabalhador) - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: € / trabalhador

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	5 583	5 357	nd	6 850	nd	nd	nd
Portugal	4 577	4 566	4 923	5 327	6 493	6 645	45%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

A produtividade medida pelo VAB por trabalhador no Algarve passou de 5 583 euros em 2019 para 6 850 euros em 2022, nos anos com dados disponíveis.

Em Portugal, este indicador aumentou 45% entre 2019 e 2024, passando de 4 577 euros para 6 645 euros por trabalhador.

A.9 · Produtividade - VAB / Gastos com Pessoal

Quadro 49 - Produtividade das empresas (VAB / gastos com pessoal) - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: número (€ / €)

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	5,53	5,92	nd	7,03	nd	nd	nd
Portugal	2,31	2,29	2,40	2,40	2,59	2,61	13%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

A relação entre VAB e gastos com pessoal é particularmente elevada no Algarve, passando de 5,53 em 2019 para 7,03 em 2022. Em Portugal, o indicador evoluiu de 2,31 para 2,61 entre 2019 e 2024.

A.10 · Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)

Quadro 50 - Investimento produtivo das empresas (FBCF) - CAE 01491; 2019 a 2024

Unidade: milhar €

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Δ 19/24
Algarve	173	167	nd	5	nd	nd	nd
Portugal	3 923	3 115	2 545	1 734	2 926	2 699	-31%

Fonte: INE · nd = dado não disponível por restrição estatística

A FBCF da apicultura no Algarve caiu de 173 mil euros em 2019 para apenas 5 mil euros em 2022, nos anos com dados disponíveis. Este é um dos sinais mais críticos do perfil económico.

Em Portugal, a FBCF também diminuiu entre 2019 e 2024, passando de 3,923 milhões para 2,699 milhões de euros, uma variação de -31%.

A.11 · Internacionalização da Fileira - Exportações de Mel

A análise das exportações de mel natural (NC 0409.00.00), com base nos dados do INE relativos a operadores sedeados no Algarve, permite identificar a evolução da inserção externa da fileira da apicultura no período 2019-2023.

No período em análise, verificou-se a existência de exportações com expressão relevante até 2021, registando-se posteriormente uma contração significativa em 2022 e 2023.

Quadro 51 - Evolução do valor das exportações de mel; Algarve; 2019 a 2023

Unidade: euro

Ano	Exportações (€)
2019	1 692 308
2020	1 188 864
2021	1 362 349
2022	492 427
2023	197 564

Fonte: INE

Entre 2019 e 2023, o valor exportado registou uma redução acumulada próxima de 88%, refletindo uma quebra estrutural no escoamento externo recente.

A taxa média anual de variação no período 2019-2023 foi fortemente negativa, evidenciando elevada volatilidade e dependência de circunstâncias conjunturais.

Distribuição geográfica das exportações (2019-2023, acumulado):

- Intra-União Europeia: aproximadamente 4,47 milhões de euros;
- Extra-União Europeia: aproximadamente 0,46 milhões de euros.

A exportação revelou-se predominantemente orientada para o mercado comunitário. Os principais destinos no período acumulado foram:

1. Alemanha
2. Reino Unido
3. Espanha
4. Bélgica
5. França

A Alemanha destacou-se como mercado dominante, representando a maior parte do valor exportado no período.

A existência de exportações com expressão relevante até 2021 demonstra capacidade de inserção externa da fileira algarvia. Contudo, a forte contração verificada em 2022 e 2023 sugere dependência de contratos específicos, operadores pontuais ou condições conjunturais favoráveis.

A dimensão exportadora da fileira deve, assim, ser interpretada com prudência. Não se identifica, no período mais recente, uma trajetória de crescimento sustentado ou consolidação estrutural da internacionalização.

A exportação constitui potencial oportunidade estratégica, mas a sua consolidação dependerá da capacidade de organização coletiva, diferenciação do produto, valorização da origem e integração em canais de maior valor acrescentado.

Síntese Estratégica do Perfil Económico da Apicultura

Os indicadores económicos analisados confirmam que a fileira da apicultura no Algarve apresenta uma estrutura empresarial de pequena dimensão, dominada por microexplorações, com limitada escala económica agregada mas relevância territorial significativa.

O número de empresas manteve-se relativamente estável no período recente, sem trajetória de crescimento sustentado, refletindo facilidade de entrada na atividade, mas consolidação empresarial desigual. O volume de negócios e o valor acrescentado bruto evidenciam variabilidade associada à volatilidade produtiva e às condicionantes climáticas, fatores estruturais que condicionam a previsibilidade económica da atividade.

Apesar da pequena escala média, os indicadores de produtividade - designadamente o VAB por trabalhador e a relação entre VAB e gastos com pessoal - revelam níveis relativamente favoráveis quando comparados com a média nacional, sugerindo eficiência operacional em explorações mais estruturadas.

A dimensão exportadora da fileira revelou capacidade de inserção externa até 2021, sobretudo para mercados intraeuropeus, registando, contudo, contração significativa em 2022 e 2023. Esta evolução evidencia volatilidade e dependência de fatores conjunturais, não permitindo ainda identificar uma estratégia consolidada de internacionalização.

Em síntese, a fileira da apicultura no Algarve não enfrenta um défice de potencial produtivo, mas sim limitações estruturais associadas à pequena escala média, à fraca integração vertical e à limitada captura de valor na origem. A sua sustentabilidade económica dependerá da capacidade de organização coletiva, profissionalização e valorização comercial do produto, transformando relevância ecológica e territorial em valor económico estruturado.

A principal mensagem é clara: a apicultura algarvia tem valor económico, territorial e ambiental, mas precisa de reforçar organização, investimento, capacitação, valorização comercial, renovação geracional e articulação com sustentabilidade, biodiversidade e turismo de natureza.



ESTUDO DO PERFIL DO EMPREENDEDOR
NAS FILEIRAS DE DIVERSIFICAR ALGARVE

Apicultura

Promoção do Empreendedorismo Qualificado na região do
Algarve

PROJETO ALGARVE EMPREENDE 2026